

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Giovana Perini - Loureiro

Um estudo sobre o uso dos argumentos em nominalizações terminadas em -TION  
na escrita acadêmica em inglês

Belo Horizonte

2017

---

Giovana Perini - Loureiro

UM ESTUDO SOBRE O USO DOS ARGUMENTOS EM NOMINALIZAÇÕES  
TERMINADAS EM -TION NA ESCRITA ACADÊMICA EM INGLÊS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

**Área de concentração:** Linguística Teórica e Descritiva

**Linha de Pesquisa:** Língua em Uso

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

Belo Horizonte

Faculdade De Letras da UFMG

2017

---

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

P445e Perini-Loureiro, Giovana.  
Um estudo sobre o uso dos argumentos em nominalizações terminadas em -TION na escrita acadêmica em inglês [manuscrito]: / , Giovana Perini-Loureiro. – 2017.  
112 f., enc. : il.  
Orientadora: Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira.  
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Linguística Funcional Centrada no Uso.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 104-111.  
Anexos: f. 109-109.

1. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 2. Anáfora (Linguística) – Teses. 3. Referência (Linguística) – Teses. 4. Língua inglesa – Análise do discurso – Teses. 5. Língua inglesa – Gramática – Teses. I. Oliveira, Ana Larissa Adorno Marciotto. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 410



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



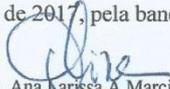
FOLHA DE APROVAÇÃO

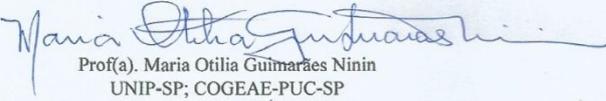
UM ESTUDO SOBRE O USO DOS ARGUMENTOS EM  
NOMINALIZAÇÕES TERMINADAS EM -TION NA  
ESCRITA ACADÊMICA EM INGLÊS

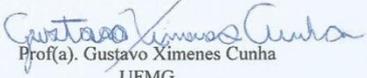
GIOVANA PERINI FRIZERA DE MORAIS LOUREIRO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 05 de dezembro de 2017, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Ana Larissa A Marciotto Oliveira - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Maria Otilia Guimarães Ninin  
UNIP-SP; COGAE-PUC-SP

  
Prof(a). Gustavo Ximenes Cunha  
UFMG

Belo Horizonte, 5 de dezembro de 2017.

---

## AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Larissa Oliveira, por toda a paciência nas infindáveis correções e pela introdução à pesquisa linguística, além de toda motivação e dedicação neste trajeto.

Aos meus pais, Nádía e Gualter, e aos meus avós, Tercila e Ted, por me ensinarem o valor da educação e por me apoiarem em cada passo, sempre acreditando no meu potencial e me proporcionando tudo o que alcancei.

Ao Lucas, por sempre estar ao meu lado, e vivenciar comigo todas as etapas deste caminho sempre com amor e companheirismo.

Ao meu primo, Pedro Perini-Santos, pela tão requisitada função de mentor durante esta empreitada acadêmica.

Aos colegas do mestrado, Edelvais Barbosa, Fernanda Avelar, Fernando Suarez, Raquel Rossini, Lívia Miranda, Monique Miranda e Nathalia Dias, pelo companheirismo, apoio e amizade fornecidos. Especialmente à Raquel, pela impecável checagem da análise de dados.

À UFMG e ao CNPq, por me proporcionarem o melhor do ensino e o apoio financeiro essenciais para a produção acadêmica.

Aos professores, aos meus tios e primos, amigos, e a todos que estiveram ao meu lado durante essa conquista. Agradeço cada palavra de apoio ou ensinamento, toda dúvida tirada e função confiada, além da experiência proporcionada. Dedico e divido com vocês esta pesquisa.

---

“And knowing how to conceive Metaphors, & thus to see a World immensely more various than it appears to the uneducated, is an Art that is learned.”

ECO, 1994

6

---

## RESUMO

O propósito dessa pesquisa foi identificar se as nominalizações terminadas em –TION no discurso acadêmico de falantes nativos do inglês contêm os argumentos requeridos pelos seus verbos originários. Na perspectiva da linguística funcional, as metáforas ideacionais, com a nominalização como sua realização mais produtiva, são lexicalmente densas, e por isso tão frequentes em textos formais (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014). As metáforas ideacionais permitem que os gêneros acadêmicos instanciem a objetificação, a despersonalização e a capacidade de construir uma cadeia argumental. A valência dos deverbais presentes em nominalizações costuma manter os mesmos elementos da valência do verbo de origem, porém, nem sempre esses argumentos encontram-se expressos. Seguindo Camacho (2007), nossa hipótese inicial é a de que esses argumentos estariam presentes também junto às nominalizações, através de anáfora ou catáfora. Neste estudo, tivemos como objetivo analisar qualitativamente as ocorrências das cinco nominalizações terminadas em –TION mais frequentes em textos acadêmicos (*attention, action, instruction, intervention e participation*), e verificar assim a ocorrência da expressão dos argumentos requeridos pelos verbos originários. A coleta das linhas de concordância foi feita utilizando o *corpus COCA (Corpus of Contemporary American English)*. Após identificarmos as cinco nominalizações mais frequentes, foram selecionadas aleatoriamente através próprio COCA linhas de concordância a serem analisadas, assegurando a representatividade da amostra. Foi possível verificar, em todas as instâncias analisadas, a presença dos argumentos. Concluiu-se que as realizações dos argumentos não expressos ao lado das nominalizações fazem parte de um *continuum*, a partir do contexto imediato com anáfora e catáfora; até um conhecimento compartilhado fora do texto, como o conhecimento específico da área. O estudo também tem implicações para o ensino de escrita acadêmica, principalmente no que concerne ao impacto das nominalizações para o fluxo temático e informacional do texto.

Palavras-chave: nominalização; metáforas gramaticais; funcionalismo.

---

## ABSTRACT

The purpose of this research was to identify whether the nominalizations terminating in -TION in the academic discourse of native English speakers contain the arguments required by their input verbs. In the perspective of functional linguistics, ideational metaphors, with nominalization as their most pervasive realization, are lexically dense, and therefore frequent in formal texts (Halliday, Matthiessen, 2014). Ideational metaphors allow the academic genre to instantiate objectification, de-personalization, and the ability to construct a chain of arguments. The valence of those nouns present in nominalizations tends to maintain the same elements of the valence from its original verbs, but these arguments are not always expressed. Following Camacho (2007), our initial hypothesis was that these arguments would also be present alongside the nominalizations, through anaphora or cataphora. In this study, we aimed to qualitatively analyze the occurrences of the five more frequent nominalized terminations in -TION in academic texts (attention, action, instruction, intervention and participation), and thus verify the occurrence of the arguments required by the original verbs. The assembling of the concordance lines was done through COCA (Corpus of Contemporary American English). After identifying the five most frequent nominalizations, the concordance lines were selected at random to be analyzed, assuring the representativeness and reliability of the sample. It was possible to verify, in all the analyzed instances, the presence of arguments. In most instances, the arguments were not expressed, but recoverable, either in the context or in the shared knowledge among the interactants. It was concluded that the realizations of the arguments which were not expressed alongside the nominalizations are part of a continuum, starting from the immediate context with anaphora and cataphora; up to a knowledge shared outside the text, such as specific area knowledge. The study also has implications for the teaching of academic writing, especially with regards to the impact of nominalizations on the thematic and informational flow of the text.

Key-words: Nominalizations, grammatical metaphors, corpus, functional linguistics

---

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Alinhamento das circunstâncias.....	29
Figura 02 – Rebaixamento de ordem.....	35
Figura 03 – Uso histórico das nominalizações.....	51
Figura 04 – Mudança histórica no uso de nomes X verbos na escrita acadêmica....	52
Figura 05 – Frequência dos sufixos derivacionais mais comuns.....	53
Figura 06 – Palavras terminadas em - TION mais frequentes no gênero acadêmico	59
Figura 07 – Deverbal " <i>attention</i> " como encontrado no site <i>Framenet</i> .....	64
Figura 08 – Frequência de palavras terminadas em -TION em cada gênero.....	70
Figura 09 – Relação expressos/omitidos <i>attention</i> .....	78
Figura 10 – Relação expressos/omitidos <i>action</i> .....	78
Figura 11 – Relação expressos/omitidos <i>instruction</i> .....	79
Figura 12 – Relação expressos/omitidos <i>intervention</i> .....	79
Figura 13 – Relação expressos/omitidos <i>participation</i> .....	80
Figura 14 – <i>Continuum</i> de omissão dos argumentos dos deverbais.....	83

---

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Definições das metafunções e seus respectivos sistemas.....	22
Tabela 02 – Números da amostragem.....	70
Tabela 03 – Papéis temáticos.....	72
Tabela 04 – Número total dos argumentos expressos/omitidos.....	81
Tabela 05 – Realização total dos argumentos.....	92

---

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>18</b>
1.1 PESQUISA EM LINGUÍSTICA FUNCIONAL.....	18
1.2 METÁFORA GRAMATICAL .....	24
1.3 NOMINALIZAÇÃO.....	29
1.4 VALÊNCIA VERBAL E PAPÉIS TEMÁTICOS.....	37
1.5 VALÊNCIA NOMINAL.....	42
1.6 TEXTO ACADÊMICO.....	48
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>58</b>
2.1 PRIMEIRA FASE .....	59
2.2 SEGUNDA FASE .....	64
<b>3 ANÁLISE</b> .....	<b>71</b>
3.1 PRIMEIRA FASE .....	71
3.2 SEGUNDA FASE .....	79
3.3 ARGUMENTOS EXPRESSOS.....	82
	11

---

3.4 ARGUMENTOS OMITIDOS.....	84
3.5 DISCUSSÃO.....	95
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>107</b>



---

## INTRODUÇÃO

Na linguística funcional centrada no uso (LFCU), também chamada de linguística cognitivo-funcional, a estrutura linguística é reconhecida como motivada e não-aleatória. Essa motivação advém da interação de fatores sociais, culturais e cognitivos, além das pressões impostas pela situação comunicativa em si (GIVÓN, 1984; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013). No que concerne os textos pertencentes ao domínio acadêmico, foco deste estudo, estes apresentam características específicas, condicionadas pelo ambiente em que circulam, bem como pelo conhecimento disciplinar compartilhado por seus autores e leitores potenciais.

A produção acadêmica em inglês se tornou imprescindível para estudantes de inglês como segunda língua, pela sua dimensão na produção tecnológica e científica atual. Tendo esses fundamentos em mente, e também reconhecendo as metáforas gramaticais como centrais para a escrita acadêmica, fenômeno este que será apresentado e discutido a seguir, buscamos realizar uma pesquisa que fosse relevante e inovadora na área da língua em uso.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), podemos empregar construções metafóricas ao fazermos escolhas lexicais e gramaticais. A metáfora gramatical representa o potencial de recombinação de funções e formas, multiplicando as maneiras nas quais podemos utilizar a língua. Elas possibilitam o realinhamento entre sintaxe e semântica, proporcionando inúmeras maneiras de expressar

---

significados de formas incongruentes<sup>1</sup>. Dentro do campo das metáforas gramaticais, Thompson (1996) considera as nominalizações um recurso chave. Neste trabalho, temos como foco as nominalizações deverbais, recurso gramatical empregado para derivar substantivos a partir de outras classes morfológicas (MARTIN, 2008).

A nominalização, como instância de uma metáfora gramatical, é uma estratégia utilizada para encapsular informações incongruente, abrindo espaço para a maior objetificação e abstração requeridas pelo o discurso acadêmico. Thompson (1996) destaca o fato de que a nominalização está em harmonia com a produção acadêmica científica, ou com a escrita formal em geral, por facilitar a despersonalização dos processos, sem ser necessário mencionar o agente.

Ademais, o uso de instâncias de nominalização permite reapresentar o que já foi mencionado no texto e tornar esse elemento um ponto de partida para a argumentação seguinte. Esse recurso pode transformar pressupostos em argumentações inegociáveis, que passam a ser vistos como finitos e verdadeiros, fator importante na escrita acadêmica.

De acordo com Martin (2008), as instâncias de nominalização são normalmente utilizadas no texto científico para: (a) criar termos técnicos; (b) construir uma longa sequência de argumentos conectados, em que os Temas das sentenças tipicamente retomam algo expressado anteriormente e (c) despersonalizar, ou desagenticizar, processos (verbos).

---

<sup>1</sup> O termo *incongruente* é empregado por Halliday e Matthiessen (2014) para indicar desalinhamento sentencial entre sintaxe e semântica, fenômeno que é nuclear nas metáforas gramaticais ideacionais aqui estudadas.

---

No sistema de transitividade, os verbos em si são considerados semanticamente incompletos, e normalmente, requerem ao menos um argumento; assim como deverbais a que estes dão origem. No entanto, os argumentos dos deverbais não se encontram sintaticamente explícitos em todas as ocorrências. Dessa forma, a expressão dos argumentos do nome deverbal pode variar de acordo com as intenções comunicativas do falante/escritor e dependendo de fatores discursivos, referentes ao fluxo informacional do texto; de fatores relacionados ao conhecimento de mundo compartilhado pelos interlocutores; e também do conhecimento de curto prazo recuperável no contexto (CAMACHO, 2007).

Tendo em vista o breve panorama aqui descrito, esta pesquisa procurou quantificar as instâncias de nominalizações mais utilizadas em artigos em inglês, além de fazer uma análise a respeito da realização da estrutura argumental dos deverbais nelas presentes. As seguintes questões de pesquisa foram abordadas, primeiramente: Os deverbais requerem argumentos explicitamente assim como seus respectivos verbos input?; sucedendo para: Os argumentos não expressos explicitamente são recuperáveis no fluxo discursivo? Como isso ocorre?; e finalmente, Existe um padrão de omissão dos argumentos dos deverbais analisados?.

Esta dissertação apresenta uma revisão de literatura, que engloba os preceitos necessários para a compreensão e a reflexão dos temas propostos. Esses incluem noções sobre a linguística funcional, metáforas gramaticais, nominalização, valências verbais e nominais, e texto acadêmico. Já o segundo capítulo apresentará

---

a metodologia utilizada para esta pesquisa em detalhes, a começar pela coleta de dados até a análise qualitativa. No capítulo três serão apresentados os resultados obtidos através da análise, referentes tanto aos termos numéricos da análise, quanto às discussões relevantes que foram levantadas em nosso estudo. Ainda no capítulo três serão apresentadas as possíveis implicações para o ensino e sugestões didáticas motivadas pela análise. Seguiremos então para as conclusões alcançadas ao término do trabalho, encerrando assim esta pesquisa.

A seguir, daremos início à revisão de literatura com o objetivo de discutir a fundamentação teórica central do estudo.

---

## 1 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo serão abordados conceitos fundamentais para a realização desta pesquisa, iniciaremos com a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que orienta o trabalho de forma geral; passando então para outro conceito fundamental que permeia esta dissertação, o de metáforas gramaticais; e seguiremos para o recurso chave das metáforas, a nominalização e seus diversos aspectos dentro do texto analisado; daremos enfoque para valência verbal e assim introduziremos também a valência nominal; finalizando o capítulo com noções acerca do texto acadêmico.

### 1.1 PESQUISA EM LINGUÍSTICA FUNCIONAL

A linguística funcional centrada no uso (LFCU) postula, entre outros preceitos, a emergência da forma linguística na interação, ou seja, no uso, por meio do qual nossas necessidades comunicativas podem ser satisfeitas (FURTADO DA CUNHA, 2011). Dessa maneira, na LFCU, é importante descrever e analisar a língua em funcionamento real, isto é, no discurso. O domínio de uso, ou domínio discursivo utilizado neste estudo, refere-se a artigos acadêmicos, retirados do *corpus COCA*. Nesse tipo de texto, as instâncias de nominalização são pervasivas, pois são inerentes à construção do conhecimento formal e à organização do discurso intelectual (MARTIN, 2008).

---

As instâncias de nominalizações funcionam como instâncias de metáforas gramaticais, utilizadas como recurso para que possamos produzir formas linguísticas, denominadas por Halliday e Matthiessen (2014) de incongruentes, alcançando, assim, diferentes objetivos comunicativos, por exemplo, ligados à objetificação e à despersonalização dos processos (verbos).

É importante ressaltar também que a linguística funcional centrada no uso (LFCU), também conhecida como linguística cognitivo-funcional, descreve a estrutura linguística como motivada e não-aleatória. Essa motivação advém da combinação de fatores sociais, culturais, cognitivos, além das pressões impostas pela situação comunicativa (GIVÓN, 1984; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013).

O funcionalismo teve início nas décadas de 60 e 70 e começou a destacar-se focalizando a língua em situações concretas de comunicação. Seus estudos investigam a relação entre estrutura (forma) e seus contextos comunicativos específicos, acreditando que a forma é motivada pelas situações reais nas quais ocorre a interação social e procurando compreender esses fatores. Para a LFCU, a sintaxe existe em razão das funções que a estrutura desempenha na língua (OTHERO, KENEDY, 2015).

Os pressupostos da LFCU englobam, (a) a consideração do léxico e da sintaxe como parte de um mesmo contínuo, separados por diferentes graus de complexidade; (b) a introdução da semântica e da pragmática aos estudos da forma, por acreditar nos fatores cognitivos e sociais presentes nas escolhas linguísticas; (c) a confiança de que a sintaxe não é aleatória, e sim construída no momento da

---

interação com um propósito; (d) e a utilização de dados reais, já que acredita-se que a forma está relacionada às estratégias de organização da informação empregadas pelo interlocutor no momento da interação (FURTADO DA CUNHA, COSTA, CEZARIO, 2015; CUNHA, 2008).

Assim, como afirmado por Martelotta e Kenedy, “a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva” (2015, p. 17), ou seja, as escolhas dos participantes, para os estudos funcionalistas, não são arbitrárias. Diante disso, acredita-se que, para estudar os fenômenos sintáticos, por exemplo, é preciso estudar a língua em situações comunicativas reais, sejam em textos orais ou escritos, de quaisquer gêneros. Ainda, a linguística funcional considera a língua em seu contexto comunicativo como instrumento de interação social, logo, a língua se torna maleável, sujeita a diversas pressões sociais e não estática (OTHERO, KENEDY, 2015). Em suma, para os funcionalistas, fatores sociais, cognitivos, culturais e seus contextos de uso, assumem papel analítico relevante.

Por fim, para possibilitar o estudo da língua em uso, é importante o uso de um *corpus*<sup>2</sup>, seja esse falado ou escrito, que possibilite acesso a língua em uso real. De forma geral, a pesquisa funcionalista apresenta natureza qualitativa, no entanto, o trabalho quantitativo pode oferecer dados empíricos iniciais e importantes, principalmente no que concerne a frequência de ocorrências e os fatores que influenciam a ocorrência do objeto de estudo (OTHERO, KENEDY, 2015).

---

<sup>2</sup> Vemos, assim como Halliday e Matthiessen, *corpus* como uma grande coleção de instâncias – faladas ou escritas – da língua (2014, p. 29).

---

Particularmente, no que se refere à Linguística Sistêmica Funcional (LSF), Halliday e Matthiessen (2014), na perspectiva da interface de forma e função, defendem que o sistema linguístico seja cognitivamente e socialmente motivado. Para os autores, as manifestações de linguagem podem ser categorizadas entre três metafunções:

- I. Ideacional
- II. Interpessoal
- III. Textual (ou lógica)

Como detalhado a seguir, essas funções compõem os propósitos mais gerais do uso da língua, o ambiente, os participantes, e sua organização, respectivamente.

Na função ideacional (ou de transitividade) o falante/autor explicita seu conhecimento de mundo ao expressar conteúdo. Para Halliday e Matthiessen (2014) não há ângulo da experiência humana que não possa ser transformado em significado. Por isso damos nomes as coisas, criamos categorias e construímos elementos por meio de manifestações gramaticalmente complexas.

No excerto a seguir (1), retirado do trabalho de Miranda (2016), vemos que, ao descrever a metafunção ideacional, a pesquisa funcionalista recorre ao sistema de transitividade para identificar os participantes (em *itálico*) que realizam ou são afetados pelo processo (em **negrito**); e as circunstâncias (sublinhadas) que apresentam as informações de fundo do evento verbal.

---

(1) Estes autores **argumentam** que crianças surdas sinalizantes não nativas não **participam** da comunicação sobre estados mentais com seus pais e irmãos, pela sua falta de uma linguagem comum, ao passo que *crianças surdas nativas* **participam** com maior frequência.<sup>3</sup>

Como foi possível observar no excerto (1), dentro da metafunção ideacional, estão realizados diferentes processos (argumentar: processo verbal; participar: processo material), com diferentes participantes (dizentes, atores, meta e circunstância), além de diferentes tipos de aspectos formais (oração projetada, aposto).

A função interpessoal (ou de modo), trata da expressão de julgamentos, opiniões e atitudes do interlocutor, ou seja, ela se refere ao papel comunicativo que ele assume na situação de fala. Ao analisarmos a função interpessoal, levamos em conta as relações sociais e pessoais que envolvem a comunicação humana e que são, muitas vezes, exofóricas<sup>4</sup> à linguagem. Como proposto no excerto (2), podemos notar em negrito a tentativa do interlocutor de dialogar com os leitores pelo uso da primeira pessoa do plural e da forma interrogativa:

(2) Mas é possível **conhecemos** quais são essas forças que atribuem sentido ou, ao menos, algumas dessas forças?<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Exemplo retirado de Miranda (2016, p. 32).

<sup>4</sup> Conceitos de exofórico e endofórico utilizados neste trabalho seguem definição de Halliday e Matthiessen: exofórico refere-se ao item recuperado no ambiente do texto, e não contribui para sua coesão interna; e endofórico refere-se à itens recuperados dentro do próprio texto (2014, p. 552).

<sup>5</sup> Exemplo retirado de Miranda (2016, p. 33).

---

A terceira metafunção proposta por Halliday é considerada interna à linguagem, pois é relativa à sua construção e ao modo como o texto oral ou escrito é desenvolvido em contexto. No excerto (3), podemos verificar o sistema de tema/rema operando dentro da metafunção textual. Apontamos aqui, introdutoriamente, que Temas são considerados informações em evidência, geralmente já apresentadas no discurso, e se estendem até o processo. Já o Rema, em comparação, é o restante da oração, e se constitui de informações novas. Esses conceitos serão discutidos mais adiante nesta revisão de literatura. No exemplo (3) os temas foram realçados em negrito e os remas sublinhados:

(3) **Uma das tarefas atuais dos pesquisadores** é a busca por novas fontes energéticas, [...] esse fato depende de cada país, de cada região mundial e de cada condição climática.<sup>6</sup>

Finalmente, todos os elementos da língua estão ligados por sistemas e se referem às escolhas de diferentes níveis lexicogramaticais, implicando subsistemas cada vez mais específicos. Assim, cada manifestação, em si, não significa nada isoladamente, mas é codificada integrando diversos sistemas. Como visto no quadro (1), baseado em Halliday e Matthiessen (2014):

Tabela 1 - Definições das metafunções e seus respectivos sistemas

<b>Metafunção</b>	<b>Definição</b>	<b>Sistema</b>
<b>Ideacional</b>	Construindo um modelo de experiência	Transitividade

---

<sup>6</sup> Exemplo retirado de Miranda (2016, p. 33)

---

<b>Interpessoal</b>	Realizando relações sociais	Modo e modalidade
<b>Textual/Lógica</b>	Criando relevância para o contexto e construindo relações lógicas	Tema/Rema

Fonte: Halliday, Matthiessen, 2014.

Também no domínio da LFCU e da Linguística Sistêmico Funcional (LSF), e de grande relevância para esta pesquisa, está o conceito de metáfora gramatical ideacional, que será melhor detalhado a seguir.

## 1.2 METÁFORA GRAMATICAL

Na pesquisa da LFCU, para Halliday e Matthiessen (2014), o texto é a maior unidade de significação no estrato da semântica. Nesse sentido, a sentença realiza significados semânticos por meio das três metafunções propostas por Halliday e Matthiessen (2014), ideacional, interpessoal e textual, como já apresentado. Enquanto na relação entre semântica e lexicogramática existem dois princípios que estendem o significado potencial da linguagem, os domínios semânticos transgramaticais<sup>7</sup> e a metáfora.

O termo 'metáfora' é mais amplamente reconhecido quando se trata de metáfora lexical, ou seja, quando utilizamos um lexema com significado metafórico. Taverniers (2002) exemplifica:

---

<sup>7</sup> Conceitos quais não serão abordados nesta pesquisa.

---

(4) a flood of protests<sup>8</sup>

Em (4) o lexema *flood* (enchente) realiza um significado diferente de seu congruente (ou literal), que seria uma grande quantidade de água, e passou a apresentar um significado metafórico, como uma grande massa de algo, não necessariamente água. Nesse exemplo (4), o potencial de significado do termo *flood* (enchente), ligado a um grande volume de água, foi transferido (ou mapeado) para o sentido de grande volume de substância (ou entidades), nesse caso, de protestos.

Já a possibilidade de utilizarmos formas gramaticais com funções diferentes das prototípicas é o que Halliday e Matthiessen (2014) chamam de ‘metáforas gramaticais’. Segundo Thompson (1996), essas seriam a “possibilidade de realinhamento entre significados e formas” (p. 233)<sup>9</sup>. Para o autor, as instâncias de metáforas gramaticais são um recurso central para expansão do significado potencial da língua, ou seja, representam uma ampliação da flexibilidade e multifuncionalidade da interação, que está constantemente sendo reciclada para realizar novas funções.

Instâncias de metáforas gramaticais são pervasivas no discurso científico, pois esse recurso possibilita, por exemplo, criar e estabelecer termos técnicos e relacioná-los a outros já existentes (MARTIN, 2008). Para Martin (2008), sem as instâncias de metáforas gramaticais, possivelmente ainda viveríamos em uma cultura oral, sem um sistema de escrita formal e/ou intelectual. Esse fenômeno

---

<sup>8</sup> Uma enchente de protestos (TAVERNIERS, 2002, p. 396).

<sup>9</sup> *The possibility of re-setting the relationships between meanings and wordings, which is a central resource for expanding the meaning potential of language, is known as **grammatical metaphor**.* (THOMSON, 1996, p. 233)

---

possibilita que o conhecimento humano produzido seja organizado em textos acadêmicos, podendo ser categorizado, comentado e avaliado (CARNEIRO, OLIVEIRA, 2017).

Segundo Halliday e Matthiessen (2014) existem dois tipos de metáforas gramaticais; a interpessoal, que se relaciona a modalidade e modo; e a ideacional, que é o foco desta pesquisa. As metáforas interpessoais são mais regularmente encontradas no discurso oral, tendo em vista que a língua falada é orientada para a interação, frequentemente menos formal, e se preocupa em criar e manter relações com outros participantes (THOMPSON, 1996).

Essas metáforas, quando relacionadas ao modo, possibilitam ao falante a utilização do modo declarativo para realizar perguntas, saindo de seu uso prototípico, como no exemplo (5):

(5) And he's been back with this girl since he's been with Gertrude?<sup>10</sup>

No exemplo (5), vemos que, apesar do falante fazer uma pergunta ele não utiliza o modo interrogativo requerido prototipicamente no inglês, onde teríamos o auxiliar “*Has*” posicionado no início da sentença. Ainda mais, é possível realizar um pedido utilizando sentenças afirmativas, como em (6):

(6) Your essay, if I may just cut across for one moment we'd like you to re-read this little passage beginning the last paragraph as an example.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> E ele está de volta com essa garota desde que ele esteve com Gertrude? (THOMPSON, 1996, p. 247)

---

No excerto (6), prototipicamente esse pedido poderia ser realizado da maneira interrogativa, como em (7):

(7) Can you re-read this little passage beginning the last paragraph in your essay as an example?<sup>12</sup>

Além de modo, as metáforas interpessoais podem ser relativas à modalidade. Muitas vezes, ao invés de utilizar elementos modais para criar o significado da probabilidade ou opinião do dizente em relação à proposição, essa atitude é expressa fora da sentença, com outros recursos, como em (8):

(8) I think Mrs Taylor would like a drink.<sup>13</sup>

Mais congruentemente, o exemplo (8) seria expresso com uma partícula modal como *probably* (possivelmente) empregada em oposição à “*I think*” (eu acho).

As metáforas ideacionais, que são o ponto central desta pesquisa, também chamadas de metáforas de transitividade, ocorrem quando há o contraste entre as formas gramaticais congruentes (não marcadas) e incongruentes (marcadas), ao representar acontecimentos do mundo interno ou externo ao falante. Essas instâncias de metáfora, por sua vez, são mais frequentes na língua escrita e principalmente no texto científico e/ou institucional (textos formais). Taverniers (2002) discute como as metáforas ideacionais são inerentemente ligadas a uma

---

<sup>11</sup> Seu ensaio, se eu puder simplesmente ser direto por momento, gostaríamos que você leia novamente esta pequena passagem que começa no último parágrafo como um exemplo. (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014, p. 701)

<sup>12</sup> Você poderia ler novamente esta pequena passagem que começa no último parágrafo em seu ensaio como um exemplo?

<sup>13</sup> Eu acho que a Sra. Taylor gostaria de uma bebida. (THOMPSON, 1996, p. 248)

---

variação, já que elas são construídas a partir da mudança de uma sentença congruente em uma forma mais incongruente. A autora ainda postula que as metáforas ideacionais apresentam três tipos de formulações:

- I. Processo construído como “coisa”,
- II. Processo construído como qualidade,
- III. Qualidade construída como “coisa”.

Nos exemplos a seguir, retirados de excertos de Halliday e Matthiessen (2014), podemos identificar nominalizações dos três tipos:

(9) Vigorously defended beliefs.<sup>14</sup>

(10) The heat and pressure.<sup>15</sup>

Em (9) identificamos *defended* (defendidas) como um processo (*defend*-*defender*) transformado em qualidade, e *beliefs* (crenças) como um processo (*believe* - acreditar) construído como “coisa”. Assim como em (10) há uma qualidade (*hot* - quente) realizada como “coisa” (*heat* - calor).

A nominalização é um elemento central na produção de metáforas gramaticais como veremos a seguir.

---

<sup>14</sup> Crenças vigorosamente defendidas. (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014, p. 710)

<sup>15</sup> O calor e a pressão. (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014, p. 710)

---

### 1.3 NOMINALIZAÇÃO

Thompson (1996) compreende as nominalizações como recurso chave para a formulação de metáforas ideacionais. O autor define as nominalizações como uma ferramenta que reformula metaforicamente processos e propriedades (verbos e adjetivos) como substantivos, que passam, então, a funcionar como nomes. De maneira similar, Quirk *et al* (1985) mostram que a nominalização ocorre quando um o grupo (ou sintagma) nominal é comandado por um substantivo relacionado morfologicamente a um verbo ou a um adjetivo. Dois exemplos apresentados pelos autores são:

(11) His refusal to help.<sup>16</sup>

(12) The truth of her statement.<sup>17</sup>

Em (11) os autores exemplificam um verbo (*refuse* - recusar) convertido em substantivo (*refusal* - recusa), enquanto em (12) um adjetivo (*true* - verdadeiro) foi reformulado como substantivo (*truth* - verdade).

De acordo com Thompson (1996), é relativamente fácil reconhecer os nomes deverbais por serem derivados de uma forma verbal e, normalmente, utilizados para expressar um significado atributivo.

Ao nominalizar, temos como resultado um substantivo que pode ser adicionado ao tema da sentença, ou seja, em posição inicial da mesma. Ainda mais,

---

<sup>16</sup> Sua recusa em ajudar. (QUIRK *et al*, 1985, p. 1288)

<sup>17</sup> A verdade em sua afirmação. (QUIRK *et al*, 1985, p. 1288)

---

as nominalizações serão tipicamente realizadas em posição tópica na sentença, possibilitando a troca tema/rema (CARNEIRO, OLIVEIRA, 2017).

Como exemplificado por Halliday e Matthiessen (2014), ao nominalizarmos, criamos a possibilidade de realocar a informação previamente apresentada no rema, como substantivo e tema da sentença seguinte, o que não seria possível com um processo (verbo). A seguir, em (13), o processo *press* (pressionar) foi nominalizado e posicionado, então, como tema da oração seguinte (*pressure* - pressão):

(13) But over millions of years, tons and tons of rock pressed down on it. The pressure made the shale very hot, (...).<sup>18</sup>

Para os autores, a nominalização é mais frequentemente encontrada em registros técnicos e científicos e só depois desloca-se para outras variedades do discurso adulto, tendo em vista que o leitor deve ser experiente para compreender esse recurso gramatical (HALLIDAY, MATTHISSEN, 2014).

Ao nominalizarmos, os participantes e metas presentes na sentença não-metaforizada são normalmente realinhados como circunstâncias, e mantêm-se presentes. O realinhamento das circunstâncias pode ser observado na figura (1), retirada de Thompson (1996):

---

<sup>18</sup> Mas ao longo de milhões de anos, toneladas e toneladas de rocha pressionaram sobre ele. A pressão fez o xisto muito quente, (...). (HALLIDAY, MATTHISSEN, 2014, p. 710)

Figura 1 - Alinhamento das circunstâncias

Proposals	have been made	for the adoption of critical perspectives on the teaching of literature			
Scope	Pr: mat	Circumstance			
'People	have proposed	that	people	should adopt	critical perspectives on the teaching of literature'
Sayer	Pr: verbal		Actor	Pr: mat	Goal

Figure 9.5 Metaphorical and congruent readings combined

Fonte: THOMPSON, 1996, p. 240.

Aqui, ao tornar o verbo *propose* (propor), da sentença inferior, em SN (sintagma nominal) da proposição superior, vemos que o sujeito (*Sayer*) do verbo '*propose*', realizado como *People* (Pessoas) foi removido. Ao utilizarmos do recurso da nominalização, outros aspectos da sentença, como o *Goal* (objetivo), presentes no extrato inferior, foram incluídos como circunstâncias - *Circumstance* - para se adequarem à nova sentença.

O processo de nominalização, de acordo com Thompson (1996), introduz no texto significados já explicitados anteriormente, podendo ser utilizado como base para o próximo passo da argumentação. Percebe-se, assim, que os deverbais operam como informações reconhecidas, com validade já aceita, ou incontestável, entre os participantes do discurso (DOWNING, LOCKE, 2006).

As instâncias de nominalizações podem ser utilizadas em textos por três fatores (CAMACHO *et al*, 2014):

- a) Razão informativa,

- 
- b) Razão sintática,
  - c) Razão textual.

A razão informativa diz respeito ao fato de quando uma predicação se torna núcleo do grupo nominal, ele está em posição de destaque, muitas vezes como tema da sentença.

A razão sintática se refere às possibilidades de realização das nominalizações, como serem posicionadas como sujeito da sentença, o que não é viável com os processos (verbos).

Já a razão textual remete ao estatuto informacional do texto, os deverbais podem tanto ser informações novas no discurso (apesar de raro), como podem retomar uma predicação precedente, o que é mais frequente.

Citamos diversas vezes a eficácia das nominalizações por possibilitarem o arranjo tema/rema, muitas vezes requerido pelo texto acadêmico. Dentro da função textual, a estrutura temática facilita o fluxo informacional dos textos, organizando a informação apresentada de acordo com as necessidades do interlocutor (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014).

Nesse sistema, o conteúdo sentencial (mensagem da sentença) é dividido em tema, que geralmente é frontal na sentença, especialmente em inglês, e contém o ponto de partida da mensagem, ou seja, o contexto. E rema, que por sua vez, é o que remanesce na sentença (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014).

---

O tema é o elemento que contextualiza as informações no fluxo discursivo, associando-as à outras orações e auxiliando a construção do texto. Estruturalmente, o tema ocorre na posição inicial da sentença, sendo o primeiro elemento com função experiencial da mesma. Ao escolher o tema, o autor/falante está decidindo o que terá proeminência temática nessa mensagem, ou melhor, o que estará em evidência.

Podemos notar a diferença de sentido nos excertos a seguir, retirados de Halliday e Matthiessen (2014), onde diferentes temas foram escolhidos, trazendo diferentes realces, mas contendo as mesmas informações. O foco da mensagem muda de *The duke* (o duque) em (14), para *My aunt* (minha tia) em (15), e *That teapot* (aquela chaleira) em (16), colocando diferentes elementos em evidência em cada uma:

(14) The duke has given my aunt that teapot.<sup>19</sup>

(15) My aunt has been given that teapot by the duke.<sup>20</sup>

(16) That teapot the duke has given to my aunt.<sup>21</sup>

O rema, por sua vez, é tudo que não é tema, o restante na sentença. Enquanto o tema é significativo por dar destaque à informação considerada focal, o rema é significativo por ser nova informação no fluxo discursivo.

Temas que apresentam apenas elementos da função experiencial são chamados de tema simples (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014), ou experienciais

---

<sup>19</sup> O duque deu a minha tia aquele bule de chá.

<sup>20</sup> Minha tia ganhou aquela chaleira do duque.

<sup>21</sup> Aquela chaleira o duque deu à minha tia. (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014, p. 90)

---

(THOMPSON, 1996). Mas é possível que além do elemento experiencial estejam presentes também elementos interpessoais ou textuais, os temas então passam a ser chamados de tema interpessoal e textual, respectivamente.

O tema interpessoal contém elementos vocativos, modais ou operadores verbais (como auxiliares), esse tema expressa a quem é a mensagem, ou sentimentos e opiniões do interlocutor. Como vemos nos exemplos (17) e (18), nos quais os temas estão sublinhados:

(17) Maybe we could develop our listening skills.<sup>22</sup>

(18) Kate, I must say this fish is cooked beautifully.<sup>23</sup>

Como vimos nos excertos apresentados, retirados de Halliday e Matthiessen (2014), em (17) temos um modal em posição temática e em (18) temos um vocativo e uma oração, além dos temas experienciais.

Já os temas textuais, conectam a mensagem no fluxo discursivo, e operam puramente no fator organizacional do texto. Para isso podem ser realizados por continuativos, conjunções ou adjuntos. Podemos ver no exemplo (19), retirado de Halliday e Matthiessen (2014), com os respectivos temas sublinhados:

(19) and though he had personally been very hurt and saddened by his son's decision.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> Talvez possamos desenvolver nossas habilidades de escuta. (HALLIDAY, MATTHIESSEN, p. 84)

<sup>23</sup> Kate, devo dizer que este peixe está lindamente cozido. (HALLIDAY, MATTHIESSEN, p. 84)

<sup>24</sup> E embora ele tenha sido pessoalmente muito ferido e entristecido pela decisão de seu filho. (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014, p. 103)

---

No exemplo (19), antes da realização do tema experiencial encontram-se duas conjunções *and* (e) e *though* (embora).

Um recurso da estrutura temática, bastante presente nos gêneros acadêmicos é a progressão temática utilizando-se nominalizações. Na progressão temática simples um rema anteriormente apresentado é utilizado como tema de outra sentença. Como exemplificado em (13), nos passos da argumentação o processo (*pressed*) foi apresentado no rema e retomado no tema na sentença seguinte (*the pressure*), transformando o fato em não-negociável (CARNEIRO, OLIVEIRA, 2017).

Segundo Camacho *et al* (2014), raramente a nominalização constitui uma informação completamente nova, mas sim uma entidade já conhecida no texto, ou seja, dentro do fluxo discursivo. Santana (2005), de maneira similar, sugere que além de possibilitar uma versatilidade de funções sintáticas, as nominalizações dificilmente são informações completamente novas, estando presentes na estrutura informacional do texto.

Nessa linha, Figueiredo e Araújo sugerem “a capacidade de retomar o discurso e projetar uma nova linha argumentativa” (2013, p. 19) das metáforas gramaticais, realizadas por instâncias de nominalização. Isso implica, mais uma vez, a possibilidade das nominalizações de recuperarem uma informação já apresentada no texto, dando continuidade à argumentação. As informações retomadas durante a progressão temática, incluem em si toda a significação realizada na sentença

previamente apresentada. Além disso, englobam em seu sentido os participantes, e muitas vezes os complementos anteriormente realizados.

Nesse sentido, Chafe (1994), enfatiza a limitada capacidade humana de processar uma quantidade grande de informação de uma só vez. Em função disso, é comum que interactantes combinem os sentidos do protagonista com a atividade na qual o protagonista está envolvido, omitindo assim alguns elementos na sentença, mas não prejudicando seu processamento ou sua compreensão. Esse processo torna a sentença cognitivamente mais fácil de ser processada pelos outros interactantes.

Para exemplificar essa possibilidade, Figueiredo e Araújo (2013) apresentam a seguinte figura (2):

Figura 2 – Rebaixamento de ordem



Fonte: FIGUEIREDO, ARAUJO, 2013, p. 14

Na figura (2), apresentada por Figueiredo e Araújo (2013), é perceptível a transformação da oração “a gente vai selecionar a cor zero três a três”, para uma

---

única palavra “seleção”. Dentro desse deverbal encontram-se, inegociavelmente, todos os complementos apresentados pela oração, como agente e paciente.

A figura (2) também exemplifica a retomada dos termos como recurso argumentativo, ao recuperar a oração, primeiramente como grupo e depois como palavra, o autor não só evita a repetição, mas cria uma corrente argumentativa. Nesse caso um argumento auxilia na elaboração do próximo, sendo retomado através de diferentes realizações sintáticas.

Como tomamos por base, assim como Camacho (2007), que os nomes deverbais requerem a mesma estrutura argumental que o verbo de origem, introduziremos agora noções referentes a valência dos verbos e aos papéis temáticos que os acompanham.

#### 1.4 VALÊNCIA VERBAL E PAPÉIS TEMÁTICOS

A valência é um conceito oriundo da química, que, quando atribuído à linguística, pode ser relativo a um verbo ou a outra unidade lexical, mais precisamente ao número e tipo de ligações que elementos sintáticos podem formar uns com os outros. Especificamente, a valência requer uma oração com um elemento fundamental (o verbo, ou processo, por exemplo) e um número de elementos dependentes, podendo ser chamados de argumentos, expressões, complementos ou “*valents*” (CRYSTAL, 2008).

Matthews (2007) postula que a valência seria a fundação não apenas da sintaxe dos verbos, mas da sintaxe em geral. Para Perini (2010), cada verbo tem um

---

número limitado de construções possíveis, e o conjunto dessas possibilidades é chamado de valência, como exemplo desse fenômeno, o autor apresenta as seguintes opções valenciais para o verbo “engordar”:

(20) *O fazendeiro engordou o frango.*

(21) *Pizza engorda.*

(22) *A menina engordou.*<sup>25</sup>

Em cada sentença apresentada, com o mesmo processo (engordar), temos participantes diferentes, com diferentes papéis temáticos, além de um número diferente de complementos, em itálico. Esses complementos requeridos pelo verbo são chamados por Ilari e Basso (2014) de “lacunas” pertencentes ao processo (verbo), que serão normalmente preenchidas por sintagmas nominais. Os autores, assim como Perini (2010), também mencionam a limitação desse inventário específico de argumentos para cada verbo.

Na mesma direção, Santana (2006), explicita a diferença entre argumentos obrigatórios e argumentos satélites para a gramática funcional. A autora considera os argumentos obrigatórios como termos requeridos pela semântica do processo, enquanto os argumentos satélites seriam informações adicionais, geralmente de fundo.

De modo complementar à Santana (2006), Bona (2014) assinala que “o verbo é um dos elementos semanticamente mais incompletos do léxico” e o mais

---

<sup>25</sup> PERINI, 2010, p. 136.

---

determinante também. Para a autora, é ao redor do verbo que outros lexemas irão se posicionar, em uma relação de interdependência. De maneira semelhante, Perini (2010) postula que “podemos determinar boa parte da estrutura das orações” em que o verbo figura apenas pensando em seus complementos.

Ilari e Basso (2014), salientam a existência de verbos que necessitam de um a quatro argumentos, conhecidos como monovalentes, bivalentes, trivalentes e tetravalentes, respectivamente. A seguir podemos ver exemplos apresentados pelos autores, com seus argumentos em itálico:

(23) *O guichê* fechou. (Monovalente)

(24) *O japonês* toma *chá*. (Bivalente)

(25) *Beethoven* dedicou *a Sonata Primavera* ao *Conde Moritz von Fries*.  
(Trivalente)

(26) *Esaú* vendeu *a primogenitura* a *Jacó* por *um prato de lentilhas*.  
(Tetravalente)

A noção de papéis temáticos surgiu devido a necessidade de se diferenciar realizações sintáticas que são semelhantes em função, mas diferentes em significado e em sua interação com o processo (verbo). Isso ocorreu porque os termos ‘sujeito’ e ‘objeto’, por exemplo, são insuficientes para descrever a relação desses elementos com a construção verbal em si, além de não ilustrarem a relação

---

entre verbo e argumentos obrigatórios e satélites (CANÇADO, 2008; ILARI, BASSO, 2014). Como vemos nos exemplos a seguir:

(27) a. João abriu a porta com a chave.

b. A porta abriu.

c. A chave abriu a porta.<sup>26</sup>

Em todas as sentenças expostas (27), “João”, “A porta” e “A chave” funcionam como sujeito, mesmo realizando funções semânticas diferentes. Cançado afirma que a “dependência está nas relações de sentido entre o verbo e seus argumentos” (2008, p. 110). Assim, cada argumento tem seu papel específico, e o número e definições dos papéis temáticos muda de acordo com o autor e sua análise, podendo chegar a um específico para cada verbo, como o que ocorre quando construímos *frames* semânticos para os mesmos. A critério de exemplo, os argumentos considerados para o deverbal *participation* nesta pesquisa, assim como definido pelo *Frament*, foram *participants* (participantes) e *even* (evento).

Nesse ponto, é importante ressaltar que a noção de sujeito, assim como mencionado por Halliday e Matthiessen (2014) pode ser compreendida de três formas distintas: o sujeito gramatical, ou seja, aquele que se relaciona com o predicado; o sujeito psicológico, ou o tema da sentença; e o sujeito lógico, o ator da ação. Essas três noções de sujeito não são sempre levadas em consideração por diversos autores, que analisam todas as três como sendo o sujeito, o que gera

---

<sup>26</sup> CANÇADO, 2008, p. 110.

---

dúvidas em relação ao ator e ao tema da oração. Para que esse conceito fique mais claro, já que para este trabalho é importante delimitar o tipo de ator do processo verbal, mais especificamente, partimos para noção de *frames* como veremos a seguir.

Fillmore (2006) apresenta a semântica de frames como um estudo que observa o significado e caracteriza princípios para criação de lexemas, além de adicionar novos significados a lexemas e de reunir os significados dos elementos com sentido geral do texto. O autor explica que a palavra “*frame*” constitui um sistema de conceitos relacionados de uma maneira que, para compreender um deles, deve-se compreender toda a estrutura na qual está inserido. Ele ainda menciona uma das perguntas levantadas na investigação da semântica empírica, “Quais categorias de experiência são codificadas pelos membros desta comunidade de fala através das escolhas linguísticas feitas quando falamos?”<sup>27</sup>. Em seu trabalho, o autor explica que palavras representam categorizações de experiências, que por sua vez, são motivadas.

Cada *frame* caracteriza uma pequena “cena”, ou “situação”, que é utilizada para que se compreenda a estrutura do verbo (ou lexema). Fillmore (2006), fornece alguns exemplos de seus trabalhos iniciais com a pesquisa de *frames*, como as cenas evocadas no plano do verbo *buy* (comprar): o verbo comprar foca nas ações do Comprador (*Buyer*) em relação aos Bens (*Goods*), com diversos outros verbos periféricos como gastar, custar, cobrar, entre outros.

---

<sup>27</sup> “What categories of experience are encoded by the members of this speech community through the linguistic choices that they make when they talk?” (p. 373)

---

Fillmore (2006) também aponta que, ao compreender a linguagem, utilizamos nossa habilidade de atribuir esquemas às sentenças ou aos componentes do mundo que o texto caracteriza, e de esquematizar situações que estão presentes na linguagem utilizada.

Através do detalhamento dos *frames* podemos diferenciar os argumentos requeridos por cada verbo. Apenas distinguir entre monovalente, bivalente e trivalente, não seria suficiente para este estudo, pois era necessário identificar seus argumentos verbais na oração em que estavam presentes e também em seu contexto específico de uso.

Como mencionado no início desta seção, a valência não é considerada uma característica dos verbos apenas, mas da sintaxe em geral, inclusive dos substantivos, como veremos a seguir.

### 1.5 VALÊNCIA NOMINAL

Partimos neste trabalho do pressuposto que os deverbais requerem a mesma estrutura argumental de seu termo primitivo, ou seja, o processo. Como as nominalizações são consideradas substantivos na sentença, entraremos um pouco no conceito de valência nominal.

Os deverbais, como vimos na seção nominalização, são processos transformados em “coisas” como recurso para elaboração textual, especialmente nos gêneros acadêmicos. Apesar dessa distinção categorial, eles mantêm a estrutura argumental do termo primitivo, ou seja, do verbo de origem (ILARI, BASSO, 2014).

---

Os deverbais também apresentam as mesmas funções sintáticas dos substantivos, como a possibilidade de serem posicionados como sujeitos nas sentenças. No que concerne a preservação da natureza valencial verbal, Ilari e Basso (2014) demonstram com o exemplo (28), onde podemos identificar a nominalização sublinhada e seus argumentos em itálico:

(28) A influência indígena sobre a *alimentação é muito grande*.<sup>28</sup>

Assim como afirma Santana (2005), a nominalização se assemelha ao esquema de predicado do verbo de origem. Como derivada do processo (verbo), o deverbal conserva as propriedades do verbo *input*, ou seja, sua estrutura argumental. A autora também menciona a possibilidade desses argumentos serem expressos de maneira prototípica, assim como o verbo *input*, ou de serem evocadas no contexto.

Em seu trabalho, feito com dados orais do Português Brasileiro, Santana (2005) assinala que raramente a estrutura argumental do processo é preenchida de maneira completa. A autora concluiu, assim, que nem sempre há o preenchimento dos argumentos. Essa não-saturação da estrutura argumental do deverbal ocorre porque a organização textual geralmente fornece contexto suficiente para o preenchimento das lacunas valenciais. Ou seja, Santana (2005) sugere que, como o contexto já fornece as informações requeridas para o preenchimento dos argumentos, não há a necessidade de expressá-los de forma prototípica em todas as instâncias.

---

<sup>28</sup> ILARI, BASSO, 2014, p. 53.

---

Dessa forma, apesar de manterem a estrutura valencial do verbo de origem, os deverbais têm a possibilidade de apresentar ou não os argumentos exigidos pelo verbo de origem (CAMACHO, 2007). E, caso não expressos, os argumentos seriam recuperáveis “por meio de processos semânticos e/ou pragmático-textuais”. Portanto, assim como Camacho (2007), acreditamos que os deverbais têm a mesma demanda de realização dos argumentos que os verbos originais, mas estes podem estar expressos na sentença, ou não. Esse fenômeno de não-saturação valencial acontece devido à necessidade de eficiência comunicativa e de economia do discurso. Assim, quando não expressos, os argumentos são recuperáveis no fluxo textual ou pelo conhecimento partilhado pelos participantes do discurso, como no exemplo (29), retirado do *corpus COCA*:

(29) *Community participation in the provision of solid waste collection and disposal*, a common local solution in many Asian countries, has received no official attention.<sup>29</sup>

No excerto (29), podemos identificar o deverbal *participation* (participação), oriundo do verbo ‘participar’, e apresentando ambos os argumentos ‘participante’ (*community* - comunidade) e ‘evento’ (*in the provision of solid waste collection and disposal* - na coleta e eliminação de resíduos sólidos) presentes no *frame* semântico do verbo.

---

<sup>29</sup> A participação comunitária na coleta e eliminação de resíduos sólidos, uma solução local comum em muitos países asiáticos, não recebeu qualquer atenção oficial. (*COCA – Urban Transition In Mongolia*, 2006)

---

Camacho (2007) propõe que os nomes deverbais preservam a estrutura argumental do verbo, e que estes são muitas vezes expressos por anáfora zero, retomando referência aos termos:

O ponto mais interessante sob este aspecto é o de que os nomes deverbais não são nem nomes, nem verbos prototípicos e uma boa hipótese é defender que quanto mais ele preserva a estrutura argumental mais próximo ele está da referência a um estado de coisas, portanto, mais distante da nominalidade prototípica. (CAMACHO, 2007, p. 2)

Para Camacho (2007), os nomes deverbais são os verbos completamente incorporados ao nome, assumindo todas as flexões nominais e com raros traços de verbo. Assim, quanto mais o nome preservar a estrutura argumental do verbo original mais próximo ele está da prototipicidade verbal.

São três as maneiras expostas por Camacho (2007) para a expressão da valência fora do núcleo nominal. A primeira sendo o zero anafórico, que representa um argumento semanticamente compartilhado com o predicado da oração matriz, que não está expresso, por motivos ligados à redundância:

(30) a ajudar um pessoal que que que tem me pedido para fazer:: programação da da de sucos do Lanjal e eu acho que a televisão é completamente:: diferente do que a gente assiste eh lá no teatro.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> CAMACHO, 2007, p. 3.

---

Em (30) vemos que caso o argumento “por mim” fosse adicionado após “programação” novamente, a sentença se tornaria redundante, já que esse argumento está expresso anteriormente (tem me pedido).

O segundo meio é o caso em que o zero anafórico recupera um argumento já exposto no texto precedente, não necessariamente na oração matriz, e neste cenário sua manifestação ou não é uma escolha do falante, por não ser redundante como no caso anterior, como visto no exemplo a seguir:

(31) a então uma vida desse tipo... a preocupação principal está centrada na sobrevivência...<sup>31</sup>

Em (31) o autor poderia optar por inserir o argumento “do homem pré-histórico” após “preocupação”, mas não é necessário tendo em vista que esse é o tema recorrente, o “hipertema”, do texto.

E o terceiro meio é catafórico, e pode ser recuperado no contexto seguinte, não expresso anteriormente também por motivos de redundância, como no exemplo (32):

(32) a é MUlto difícil a gente desenhar estritamente o que a gente vê a gente separar a percepção... da... do conceito que nós fazemos do objeto...<sup>32</sup>

No último exemplo (32), se o autor adicionasse o argumento “por nós” após “do objeto”, a frase se tornaria redundante, já que “nós” já é expresso em seguida.

---

<sup>31</sup> CAMACHO, 2007, p. 3.

<sup>32</sup> CAMACHO, 2007, p. 4.

---

No caso do argumento ser recuperável no contexto e retomado anaforicamente/cataforicamente, o interlocutor geralmente opta pela maneira comunicativamente mais relevante, sendo também a menos redundante. Já que todas as maneiras de expressar o argumento são governadas pelo princípio da economia, em que os participantes de determinados gêneros tendem a simplificar ao máximo as expressões, sem afetar, com isso, seus propósitos comunicativos.

Muitas vezes, seria redundante expressar os argumentos requeridos pelo termo primário (verbo de origem), visto que a nominalização já dispõe de informação suficiente, presente no fluxo textual. Assim, como o termo já está presente no discurso, para evitar a repetição e a redundância, ele é omitido. Camacho *et al* (2014) apontam que apenas informações completamente novas necessitam ser retomadas. Mais ainda, os autores acreditam que os argumentos que tinham, originalmente, função de sujeito do verbo *input*, são expressos com maior frequência, já que eles passam a ser realizados como objeto direto dos substantivos deverbais. Podemos ver alguns exemplos (33, 34) de Camacho *et al* (2014), com os deverbais sublinhados e os argumentos em itálico:

(33) Eles precisam pegar pele para esquentar...e ter comida...para comer e se defender dos outros animais...então as preocupações são muito...<sup>33</sup>

(34) e a proliferação de *lanchonetes* na vida do carioca?.

---

<sup>33</sup> Exemplos (33), (34) e (35): CAMACHO *et al* (2014, p. 59)

---

No exemplo (33), o argumento “deles”, após o deverbal “participação” foi omitido por ser facilmente recuperado no contexto. Já no exemplo (34) podemos ver a realização do argumento “de lanchonetes” na forma de objeto direto, mas que seria realizado na posição de sujeito caso o processo fosse “proliferaram”.

Em alguns casos, podem-se ocorrer argumentos genéricos que não necessitam ser realizados, como “por alguém” após “compra” no exemplo (35):

(35) pois é... eh...esse...esse apartamento é um problema todo de... de... de compra de apartamento que é um...um...uma novela.

Com isso, concluímos, assim como os autores:

Além de preservarem a estrutura valencial do termo primitivo que lhes deu origem, podem funcionar como termo na predicação matriz, assumindo funções sintáticas, semânticas e pragmáticas que, de outro modo, não poderiam assumir, caso se mantivessem como verbos. (CAMACHO *et al*, 2014, p. 53).

Para concluir este capítulo, dentro do domínio da LFCU e da LSF, é importante enfatizar o conceito de texto para essas áreas, além de discutir brevemente sobre o texto a ser analisado neste estudo, como veremos na seção a seguir.

## 1.6 TEXTO ACADÊMICO

O texto, segundo Marcuschi (2008), pode ser definido como o resultado das diversas operações que regulam atividades morfológicas, as sentenças e os sentidos, diante do sistema linguístico numa ocorrência comunicativa. O autor ainda

---

menciona que o texto é uma unidade linguística superior à frase, à vista disso é preciso que sempre se leve em conta todo o contexto ao se estudar a língua.

Marcuschi (2008), também aponta que a noção de gênero textual não está mais ligada à literatura, mas a qualquer tipo de discurso, seja falado ou escrito. Assim, define-se gênero textual como sendo uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, estrutura textual, forma de organização social e ação retórica. Para o autor, os gêneros têm padrões sociocomunicativos característicos e objetivos e estilos específicos. São formas textuais, orais ou escritas, que se realizam em situações comunicativas específicas, histórica e socialmente situados.

Para Halliday e Hasan (1976), a linguagem não funciona isoladamente, mas em situações reais através de textos. Para os autores, o texto é a junção do registro com a coesão, e é definido como qualquer passagem que forme uma unidade, seja escrita ou falada, e que seja compreensível para falantes da língua. Devido aos estudos funcionalistas, o texto começou a ter um papel central nos estudos gramaticais.

Nessa perspectiva, Halliday e Matthiessen (2014) postulam que todos os sistemas da língua operam no texto simultaneamente. Os sistemas e o texto são o mesmo fenômeno, diante disso, cada elemento deve ser estudado tendo em vista a sua função dentro de textos autênticos, no caso deste trabalho, em artigos acadêmicos.

---

Tal como os textos, gêneros são estruturas de interações sociais específicas, eles moldam a maneira na qual interagimos, e por isso devemos sempre considerar que há variações entre diferentes gêneros.

O texto acadêmico, por sua vez, é uma forma eficiente de se produzir e manipular conhecimento através da língua (CARNEIRO, OLIVEIRA, 2017). O texto acadêmico funciona, portanto, como um recurso essencial para a ciência, pois possibilita, por exemplo, apresentar, classificar, decompor e explicar os resultados de investigações científicas específicas. Nessa direção, Martin (2005), comenta o fato de o discurso acadêmico ser um discurso distinto dos demais, para ele, a força do discurso acadêmico se deve ao controle que esse meio exerce sobre a tecnologia e o saber, estando, como consequência, em posição privilegiada em uma sociedade que favorece o saber e o capital:

The power of science discourse (and only secondarily its status) no doubt derives from the ever-growing control it affords over the material environment (over physical and biological resources) — through technology.  
(MARTIN, 2005, p. 10)<sup>34</sup>

Ademais, o desenvolvimento humano provavelmente não alcançaria seu potencial absoluto sem a escrita, sendo, assim, essencial para o desenvolvimento da ciência, da arte e da filosofia (CARNEIRO, OLIVEIRA, 2017). De acordo com as autoras, na escrita, ao contrário da oralidade, o autor em geral tem o tempo

---

<sup>34</sup> O poder do discurso da ciência (e apenas secundariamente seu status), sem dúvida, deriva do controle cada vez maior que possui sobre o ambiente material (sobre recursos físicos e biológicos) - através da tecnologia. (MARTIN, 2005, p. 10)

---

necessário para organizar as ideias de forma complexa, coerente e integrada, como exigido pelos gêneros acadêmicos.

Como consequência da complexidade específica da escrita acadêmica, espera-se que o leitor possa lidar com as formas mais incongruentes de escrever a respeito do mundo e, também, seja capaz de compreender as instâncias de metáforas gramaticais presentes nesse tipo de texto (THOMPSON, 1996).

Também mencionando recursos dos gêneros acadêmicos, em seu trabalho, Taverniers (2002) comenta sobre a alta densidade lexical da língua escrita, atestando que muitos significados são compactados em grupos nominais únicos, sendo esse o contexto em que a metáfora ideacional ocorre. Inclusive, a complexidade da linguagem científica reside em suas construções gramaticais e não em sua variedade lexical. Sendo assim, a nominalização, nosso tema de estudo, reduz o tamanho das construções da língua, mas, ao mesmo tempo, formula sentenças com maior concentração de significado ideacional e menor incidência de elementos interpessoais.

Essa alta densidade lexical (DL) foi também explorada por Ninin *et al* (2015), ao calcular a DL de sentenças mais metafóricas. Procedimento que podemos verificar com o exemplo (33), proposto por Ninin *et al* em seu trabalho:

(33) Como estratégia para a composição do questionário, os 45 enunciados, além de se apresentarem misturados, foram construídos em 1ª pessoa do singular.

---

Como visto no excerto (33), retirado de Ninin *et al* (2015), há a ocorrência de nove palavras lexicais, sobre duas orações, resultando em uma DL igual a 4,5. Já a seguir (34), temos oito palavras lexicais sobre uma oração, totalizando um DL igual a oito, ou seja, mais denso:

(34) Estrategicamente escritos em 1ª pessoa do singular, o questionário compõe-se de 45 enunciados misturados.<sup>35</sup>

Conseguimos verificar, através dos exemplos (33) e (34), que o emprego de metáforas gramaticais incorporou às sentenças uma maior densidade lexical, característica intrínseca dos gêneros acadêmicos.

Ainda sobre as características do domínio acadêmico Biber (2010) salienta que os gêneros acadêmicos são dependentes das estruturas nominalizadas, e que houve um aumento histórico no uso das nominalizações na academia em comparação com outros gêneros, como demonstrado na figura (3) a seguir:

---

<sup>35</sup> Exemplos (33) e (34): NININ *et al* (2015, p. 8)

Figura 3: Uso histórico das nominalizações

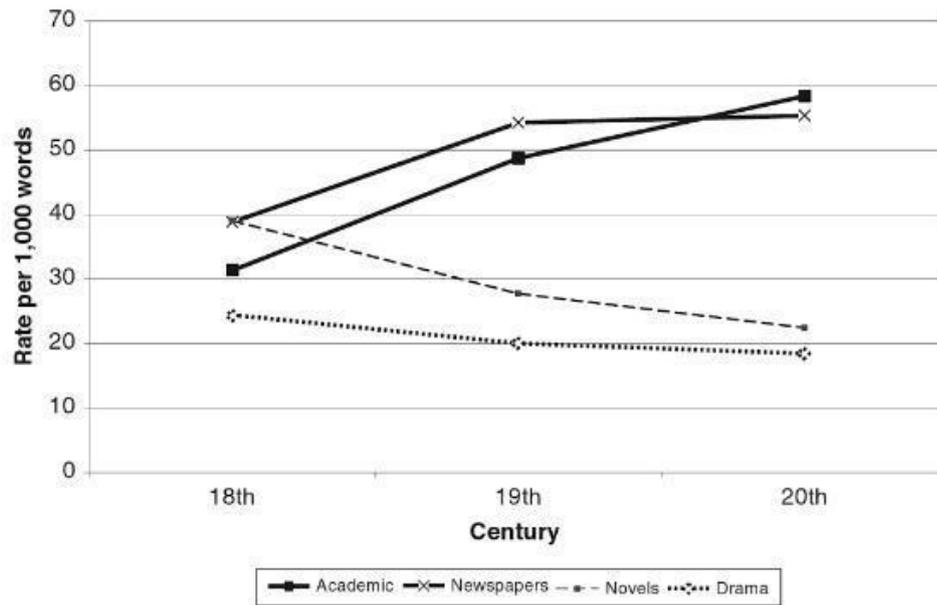


Figure 5.1. Historical use of nominalizations

Fonte: BIBER, 2010, p. 106

Biber (2010) afirma que há uma predileção das formas nominais sobre as formas verbais na linguagem acadêmica, como é demonstrado na figura (4):

Figura 4: Mudança histórica no uso de nomes X verbos na escrita acadêmica

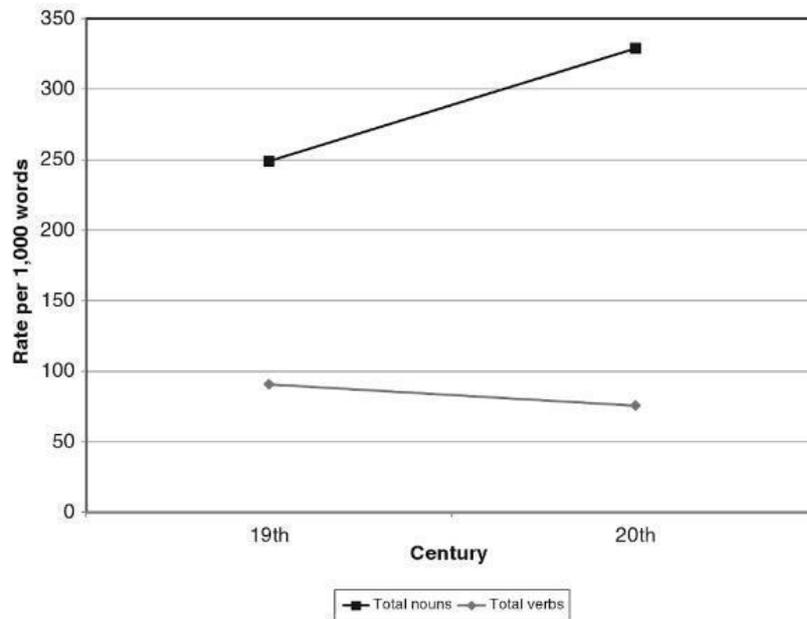


Figure 5.12. Historical change in the use of nouns versus verbs: academic writing

Fonte: BIBER, 2010, p. 114

A figura (4) ilustra que entre os séculos XIX e XX houve um aumento nas realizações dos substantivos em textos acadêmicos, enquanto houve uma diminuição no uso de verbos no mesmo gênero. A predileção por substantivos chegou a razão de 300 nomes por cada 1000 palavras no século XX, como visível na figura (4).

Além de aumentar a densidade lexical o texto, a nominalização funciona como uma ferramenta que organiza a progressão temática do texto, Segundo Baratta (2010), além de contribuir com o tom alegadamente impessoal dos gêneros



---

(35) At any rate, the intervention did produce a valuable effect in adolescent athletes.<sup>36</sup>

Biber (1999) ainda aponta as instâncias de nominalizações como recurso conveniente para a academia, já que o conteúdo da sentença é então comprimido em um sintagma nominal. No excerto (35), é possível perceber que todos os participantes por trás da “intervenção” (deverbal sublinhado) foram omitidos dentro do grupo, que congruentemente poderia se realizar da seguinte maneira:

(36) At any rate, researchers intervened in the practice of adolescent athletes and produced a valuable effect.<sup>37</sup>

Dessa forma, as nominalizações podem ser vistas como recursos fundamentais para o texto acadêmico, quando se trata de construir conhecimento e organizar o saber, além de possibilitar a criação de termos técnicos.

A criação de termos técnicos é feita através da nominalização, podendo estar ainda relacionada ao seu verbo *input*, ou já transformados em conceitos abstratos independentes: *evaporation* (evaporação) e *condensation* (condensação) (MARTIN, 2008, p. 834), também considerados “domesticados”, como aponta Taverniers (2002). Nesse caso não há mais a necessidade de se referir aos argumentos dos deverbais em questão, por seu afastamento em relação ao verbo.

---

<sup>36</sup> De qualquer forma, a intervenção produziu um efeito valioso em atletas adolescentes. (COCA: The Effectiveness of a Self-Efficacy Intervention for Helping Adolescents Cope with Sport-Competition Loss, 2005)

<sup>37</sup> De qualquer forma, os pesquisadores intervieram no treino de atletas adolescentes e produziram um efeito valioso.

---

As instâncias de nominalização evidenciam, também, uma relação de causa e efeito lógico e não-negociável (CARNEIRO, OLIVEIRA, 2017). Por causa disso, as autoras defendem que as metáforas gramaticais codificam acontecimentos de forma a conectar tanto o agente quanto a meta do processo de origem, como no exemplo (37):

(37) A empresa contratou um novo funcionário X A contratação de um novo funcionário<sup>38</sup>

No exemplo (37), notamos tanto a remoção do agente da contratação, quanto das indicações de tempo informadas pelo verbo primário “contratar”. O uso da nominalização “contratação” se fez suficiente, encapsulando relações de causa e efeito em sua realização. Conectando então, ambos agente e meta em sua significação.

Tendo em vista os conceitos relativos à nominalização e texto acadêmico aqui expostos, passaremos agora para o capítulo metodologia, no qual detalharemos os passos seguidos para a realização da coleta e análise do *corpus*.

---

<sup>38</sup> CARNEIRO, OLIVEIRA, 2017.

---

## 2 METODOLOGIA

Como discutido no capítulo revisão de literatura deste trabalho, a LFCU considera a língua como escolhas realizadas pelos interactantes em contextos e objetivos comunicativos distintos, e propõe um trabalho de análise de dados empíricos. Para o funcionalismo em geral, a língua é utilizada para satisfazer necessidades comunicativas, e envolve aspectos cognitivos e sociais em sua realização. Diante disso, para alcançar seus objetivos, a pesquisa funcionalista utiliza uma combinação de etapas quantitativas e qualitativas. Através da análise de um *corpus*, um item linguístico específico pode, por exemplo, ser estudado em situação real e efetiva de uso, levando em conta as intenções e necessidades comunicativas dos participantes.

Baseado em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), e reconhecendo que é importante levar em conta fatores cognitivos, estruturais e contextuais, analisamos dados empíricos, considerando os objetivos comunicativos dos participantes, que são refletidos nas formas linguísticas empregadas, nesse caso, requeridas pelo domínio acadêmico.

Especificamente, este estudo foi feito em duas fases, uma de coleta quantitativa e outra de análise qualitativa, como descrito nas seções a seguir.

---

## 2.1 PRIMEIRA FASE

O primeiro passo para a elaboração desta pesquisa foi a coleta dos dados a serem analisados, processo que seguiu os seguintes procedimentos:

Primeiramente, verificamos a frequência do uso das nominalizações terminadas em *-TION*, através no *corpus COCA (Corpus of Contemporary American English)*<sup>39</sup>. Escolhemos esse *corpus* por fornecer diversas ferramentas que auxiliaram nesta pesquisa, além de ser este um *corpus* amplamente reconhecido pela sua dimensão e eficiência, sendo o *corpus* mais acessado da língua inglesa, totalizando mais de 130 mil pesquisadores por mês.

O *COCA* é um *corpus* gratuito, produzido por Mark Davies da *Brigham Young University*, e reconhecidamente o maior *corpus* disponível da língua inglesa, com mais de 520 milhões de palavras. Para a construção do *corpus*, o website conta com textos completos na língua inglesa americana datando entre 1990 e 2015.

O *COCA* também oferece ferramentas de busca por diferentes fontes, incluindo os domínios oral, ficção, revista, jornal e acadêmico. Tendo em vista que o cerne deste trabalho era extrair dados apenas de textos acadêmicos, consideramos o *COCA* como um *corpus* adequado para esse fim, por fornecer 103 milhões de palavras em aproximadamente 100 periódicos diferentes<sup>40</sup>. Ou seja, diversos artigos científicos de áreas como filosofia, psicologia, religião, educação tecnologia, etc (como definido pelo *COCA* em sua página), sendo todos de autores experientes.

---

<sup>39</sup> <http://corpus.byu.edu/coca/>

<sup>40</sup> Todos os valores de dados utilizados foram coletados no dia 21/10/2016. Sabemos que o *corpus* está em constante desenvolvimento e valores podem variar com o tempo.

---

O *corpus* fornece o número total de ocorrências da instância pesquisada, além de apresentar o ano, o título, o autor e a fonte de todas as linhas de concordância. De início, o site exibe apenas uma pequena amostra da sentença, mas é possível expandir a mesma para obter um contexto maior do texto.

O COCA também permite que seus usuários façam pesquisas de apenas um morfema, como executado neste trabalho. Ao procurar \*TION em artigos, fomos apresentadas todas as palavras terminadas com o sufixo presentes no *corpus*, em ordem de frequência, como veremos mais adiante.

Outra ferramenta importante do COCA, e utilizada neste trabalho, é a possibilidade de selecionar um número aleatório de ocorrências, e salvá-las em seu próprio *login* no site. Esse mecanismo foi essencial para que pudéssemos rever as linhas de concordância em qualquer momento de maneira prática através da internet.

Com o intuito de verificar a aplicabilidade da pesquisa, primeiramente foi apurado se as nominalizações são realmente mais presentes em textos acadêmicos do que em outros, como proposto por Halliday e Matthiessen (2014). Encontramos, de maneira similar à Biber (1999) em seu trabalho, ao buscar o sufixo -TION no COCA, que sua presença é significativamente maior em artigos acadêmicos. Os números de ocorrências das palavras terminadas em -TION chegam a ser cinco vezes mais frequentes em textos acadêmicos do que nos de ficção, por exemplo.

Em seguida, separamos os cinco deverbais mais frequentes. Da lista das palavras terminadas em –TION mais recorrentes, foram retirados nomes que não se remetem mais a um verbo, ou que são parte de expressões como ocorre em ‘in addition to’ que é frequente em artigos. Podemos ver a lista completa das palavras mais frequentes nos periódicos, terminadas em –TION, na Figura (6):

Figura 6 - Palavras terminadas em - TION mais frequentes no gênero acadêmico

	CONTEXT	ALL	SPOKEN	FICTION	MAGAZINE	NEWSPAPER	ACADEMIC
1	EDUCATION	163607	12454	2186	17259	24516	107192
2	INFORMATION	165799	26606	7982	30867	31539	68805
3	POPULATION	66631	6805	1422	12428	11669	34307
4	QUESTION	154048	69097	17883	17802	17878	31388
5	ADDITION	53951	2714	243	11231	10124	29639
6	SECTION	50069	2058	3980	15395	5208	23428
7	ATTENTION	84003	14720	16361	15748	13999	23175
8	ACTION	71970	14338	5033	14074	15356	23169
9	INSTRUCTION	25830	55		1592	1120	23063
10	INTERVENTION	27199	1122		1742	1382	22953
11	ASSOCIATION	55372	4035		10613	18579	22145
12	PRODUCTION	48360	3925	1074	10614	11364	21383
13	POSITION	73033	15104	8367	15106	13553	20903
14	ORGANIZATION	50224	7547	464	9685	13661	18867
15	SITUATION	72207	25850	7144	9810	12022	17381
16	PARTICIPATION	20797	217		1599	2018	16963
17	ADMINISTRATION	76348	27447		11832	20421	16648
18	COMMUNICATION	24334	2159	325	3121	2275	16454
19	FUNCTION	22181	743	157	4182	826	16273
20	NATION	77965	22043	1881	15183	23521	15337

Fonte: COCA – Acesso em 21/10/2016

Para finalizar a verificação dos deverbais mais recorrentes, no acesso do dia 21 de outubro de 2016, os mais frequentes encontrados e o número de ocorrência total de cada um especificamente, foram:

- i. *Attention* (atenção – 23175 ocorrências)

- 
- ii. *Action* (ação – 23169 ocorrências)
  - iii. *Instruction* (instrução – 23063 ocorrências)
  - iv. *Intervention* (intervenção – 22953 ocorrências)
  - v. *Participation* (participação – 16963 ocorrências)

Dessas ocorrências, foram coletadas um total de 1090 linhas, de maneira a assegurar a representatividade da amostra e a igualdade percentual entre as cinco maiores ocorrências. Devido ao curto tempo disponível no mestrado, e para que a análise qualitativa pudesse ser feita com o afinho e o cuidado requeridos para a obtenção de bons resultados, não foi possível aumentar essa amostra. O que também não foi necessário, pois acreditamos ter chegado a um ponto notável na análise, a partir do qual os resultados passaram a ser redundantes. Acreditamos, assim, que as linhas coletadas e analisadas foram suficientes para alcançar os objetivos deste trabalho de forma segura e confiável, sem prejudicar a análise qualitativa que realizamos.

A coleta das linhas de concordância foi aleatória, como realizado pelo COCA, e salvas no perfil de usuário, para futuras consultas. O número de linhas coletadas de cada deverbais individualmente ficou delimitado como demonstrado a seguir:

- i. *Attention* (atenção – 231 linhas)
- ii. *Action* (ação – 231 linhas)
- iii. *Instruction* (instrução – 230 linhas)
- iv. *Intervention* (intervenção – 229 linhas)

---

v. *Participation* (participação – 169 linhas)

Para que a amostra fosse aleatória, utilizamos a ferramenta *sample* do COCA, que seleciona, aleatoriamente, o número de linhas desejado, sem que nenhuma limpeza seja feita na coleta, como esperávamos. Ao fazer uma busca no site, os primeiros resultados são exibidos em ordem alfabética e cronológica, no entanto, ao selecionarmos *sample* e a quantidade desejada, o próprio site aleatoriamente seleciona o número estipulado de linhas para uma análise confiável.

O *corpus* COCA também possibilita, a partir daí, que as linhas selecionadas sejam salvas em listas no próprio site, para acessos futuros através do *login* do usuário, assim, tivemos a possibilidade de retornar às ocorrências de maneira ordenada, e com a praticidade de estender cada linha para um contexto maior, caso fosse necessário.

A análise quantitativa foi realizada para estabelecer a amostra, e também com o intuito de verificar quais eram os nomes deverbais mais frequentes do discurso acadêmico. Nossa amostra totalizou, inicialmente, 1090 ocorrências dos cinco os deverbais mais frequentes. Essas linhas foram selecionadas aleatoriamente pelo próprio COCA e salvas no próprio site. Posteriormente, já na fase qualitativa deste trabalho, ao selecionar aqueles deverbais que estavam em posição temática na sentença, totalizamos 172 linhas. Essas então, foram analisadas exaustivamente a fim de identificar a presença dos argumentos em casa sentença. Como veremos na seção a seguir.

---

## 2.2 SEGUNDA FASE

O segundo passo da elaboração do trabalho consiste na análise exaustiva dos dados coletados, seguindo as diretrizes expostas a seguir.

Tendo em vista que o objetivo principal deste trabalho é desenvolver uma pesquisa mais detalhada e qualitativa das ocorrências das nominalizações e seus argumentos, consideramos a fase quantitativa como base para que uma amostra estatisticamente relevante fosse coletada. Possibilitando assim uma análise qualitativa manualmente possível e com confiabilidade estatística.

Após a coleta das 1090 linhas dos cinco deverbais mais frequentes, localizamos manualmente aquelas ocorrências que se encontram em posição temática na sentença. Consideramos essa fase já como analítica por contar com um estudo criterioso das sentenças da amostra para que obtivéssemos dados e resultados confiáveis.

Fizemos a escolha de contabilizar em nossos resultados apenas os deverbais que se encontravam em posição temática por reconhecer, como exposto na revisão de literatura, as nominalizações como recurso central para o fluxo temático e informacional no texto acadêmico, em nosso caso, representado por artigos acadêmicos retirados do *COCA*.

Pretendemos, com este trabalho, analisar a realização da estrutura argumental dos deverbais, em comparação ao verbo de origem. Para isso, selecionamos os deverbais utilizados em posição temática. Acreditamos assim, que

---

contamos com uma amostra que representa não só os deverbais em um contexto acadêmico, realizando instâncias de nominalização, mas também os deverbais utilizados como recurso textual, em posição temática na oração.

Assim, através do uso dos deverbais, é possível dar destaque a informação, progredir com a argumentação, e incluir, dentro do substantivo, toda a significação que seria inserida em uma sentença mais ampla.

Após a análise de nossa amostra de 1090 linhas, feita linha a linha, totalizamos 172 linhas de concordância com deverbais terminados em -TION em posição temática. Essas, por sua vez, se tornaram a amostra para a segunda parte da análise qualitativa, em que procedemos a investigação dos argumentos dos nominais.

Nessa etapa, verificamos qualitativamente a expressão, ou não, dos argumentos junto às nominalizações. Para determinar a valência icônica dos verbos *input* ou de seu deverbal, e os argumentos requeridos, consultamos o banco de dados do *website Framenet*<sup>41</sup>. A página, gratuita, é organizada pela *Universidade de Berkley*, no Instituto Internacional de Ciência Computacional. Nela, podemos observar os elementos das estruturas (*frames*) semânticas dos lexemas em inglês retirados de textos reais. Como referido pelo próprio *Framenet*, eles fornecem para

---

<sup>41</sup> <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>

---

pesquisadores de linguística um dicionário de valência com “provas detalhadas únicas para as propriedades combinatórias”<sup>42</sup>.

No site *Framenet* os argumentos são exibidos juntos ao *frame* semântico do lexema, a partir dessas informações retiramos o que seria central (*core*) para o verbo, e que acreditamos também estar presente nos deverbais, como exibido a seguir para o deverbal *attention* (atenção):

Figura 7 - Deverbal "attention" como encontrado no site *Framenet*

## Attention

Lexical Unit Index

### Definition:

This frame concerns a **Perceiver**'s state of readiness to process and consider impressions of a **Figure** within a **Ground**. It is often unknown to the **Perceiver** whether or not the **Figure** exists within the **Ground**. Alternatively, the **Expressor** may be expressed as showing signs of the **Perceiver**'s state of attentiveness.

Legislator tells **consumers** to be **ALERT** to **dioxin levels**.

They demand an **ATTENTIVE** **gaze**, a careful accounting of parts.

### FEs:

#### Core:

#### **Expressor** ▯

Excludes: Perceiver

An entity (or event) associated with a **Perceiver** that gives evidence for a **Perceiver**'s attentiveness.

#### **Figure** ▯

The entity that the **Perceiver** is specifically focussing on within the **Ground**.

#### **Perceiver** ▯

Semantic Type: Sentient

The individual that pays attention to the **Ground**.

Fonte: *Framenet* – acesso em 21/10/2016

---

<sup>42</sup> For students and teachers of linguistics it serves as a valence dictionary, with uniquely detailed evidence for the combinatorial properties of a core set of the English vocabulary. (<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/about> - acesso em 21/10/2016)

---

Como visto na figura (7), foram consideradas indispensáveis para o deverbal *attention* (atenção), os argumentos *Expressor/perceiver* (expressor/perceptor) e *Figure* (figura). Todos os papéis temáticos considerados na nossa análise, relativos aos outros deverbais estudados, serão apresentados e discutidos no capítulo análise.

A partir da identificação dos complementos relacionados aos verbos originários das cinco nominalizações mais frequentes, a análise qualitativa foi iniciada. Linha por linha, foi averiguada a presença dos argumentos expressos, ou não. Verificamos também como foi feita a realização dos mesmos, e quais sintagmas realizavam cada argumento; ou caso o argumento não estivesse presente, se havia a possibilidade de recuperá-lo no contexto através de diferentes recursos textuais.

Tomamos como ponto de partida, neste estudo, assim como proposto por Camacho (2007), que as instâncias nominalizadas mantêm a valência dos verbos de origem, e seus argumentos estão, portanto, expressos de maneira distinta à dos verbos, mas sempre assegurando a manutenção do fluxo discursivo. Contudo, os argumentos são constantemente omitidos da sentença, e recursos são empregados pelos interactantes para o preenchimento do *frame* relacionado ao deverbal. Isso ocorre, como visto anteriormente, devido a economia linguística, ou seja, argumentos já previamente apresentados não serão repetidos novamente.

Para atingir nossos objetivos e identificar a expressão (ou não) dos argumentos, o contexto mais amplo em que o deverbal ocorre necessitava ser analisado manualmente. Como pode ser visto no exemplo (38), retirado da amostra:

---

(38) For all the attention devoted to low-performing schools, precise definitions remain elusive.<sup>43</sup>

No exemplo (38), foi averiguado que o argumento *Figure* (figura) está realizado na própria sentença “*to low-performing schools*”, mas o argumento relacionado ao *Perceiver* (perceptor) não está. É possível notar, no entanto, a atenção prestada e o tema discutido já foram previamente apresentados no texto, por isso é compreensível para o leitor, e não há necessidade de realização do mesmo. Maiores detalhes de como concluímos a recuperação ou não dos argumentos serão expostos na análise.

Para melhor visualização, inicialmente separamos as ocorrências dos argumentos em duas categorias:

- a. Expressos
- b. Omitidos

Os argumentos expressos são aqueles que se encontram na própria sentença, prototipicamente. Já os omitidos, não estão realizados na mesma sentença, e requerem maior análise para esclarecer se eles estariam presentes no contexto anterior, no contexto posterior, ou no conhecimento de mundo/disciplina dos interlocutores.

É importante ressaltar que junto aos deverbais, tendo em vista que todos foram considerados bivalentes ou trivalentes, houve casos em que um dos

---

<sup>43</sup> Para toda a atenção dedicada às escolas de baixo desempenho, definições precisas permanecem evasivas. (*COCA - the mandate: to help low-performing schools, 2004*)

---

argumentos estava expresso prototipicamente, enquanto o outro era recuperável. Veremos os resultados em maiores detalhes no capítulo análise.

Como não temos acesso aos textos em sua totalidade, para definir se o argumento estava presente no contexto anterior buscamos por elementos presentes na própria sentença, como dêiticos ou pronomes, por exemplo. Esse procedimento também foi adotado por Camacho (2007). No excerto (39) vemos um exemplo dessa ocorrência retirado da amostra:

(39) This intervention was a clear expression of the dominance of the estate.<sup>44</sup>

Em (39) o pronome *this* (essa), nos indica que a intervenção mencionada na sentença analisada já havia sido referida anteriormente, onde os argumentos provavelmente foram realizados. Dessa forma, não houve a necessidade de se repetir complementos previamente apresentados.

Após identificar todas as linhas como (a) ou (b), para argumentos expressos ou omitidos, contabilizamos essas ocorrências e as transformamos em gráficos para melhor visualização.

Concluimos, como será apresentado na análise, que os argumentos omitidos fazem parte de um *continuum* de não-expressão, em que diversos recursos de recuperação podem ser acionados simultaneamente.

Ainda, para garantir uma maior confiabilidade nas conclusões alcançadas nesta pesquisa, foi realizada a checagem de confiabilidade dos resultados obtidos

---

<sup>44</sup> Essa intervenção foi uma expressão clara do domínio da propriedade. (COCA - Culture and contrasts in a Northern European village: Lifestyles among Manorial peasants in 18<sup>th</sup> century, 1995)

---

pela análise. Uma colega, membro do grupo de pesquisa, e já mestre na área estudada, verificou a compatibilidade dos dados e os resultados obtidos neste trabalho. Foi acordado, para isso, que um mínimo de 80% de resultados semelhantes deveria ser alcançado. Em todos os casos de discrepância, houve reanálise até que houvesse compatibilidade total entre os avaliadores. Veremos, no próximo capítulo, em maiores detalhes, a análise das ocorrências e os resultados encontrados.

---

### 3 ANÁLISE

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos através da análise desenvolvida para este trabalho. Como exposto previamente, foram observados os cinco deverbais terminados em -TION em posição temática mais frequentes em artigos acadêmicos em inglês. O *corpus* COCA foi utilizado, como detalhado no capítulo metodologia, por fornecer uma variedade de recursos e ser o maior *corpus* da língua inglesa disponível. Apuramos nossos dados coletados de forma qualitativa por meio da exaustiva investigação dos mesmos.

Para apresentar a análise feita, a separamos em duas fases, por serem as duas etapas mais abrangentes da análise com passos e objetivos distintos. Iniciaremos com os detalhes da etapa manual:

#### 3.1 PRIMEIRA FASE

Nesta fase foram realizadas as etapas relativas à construção de uma amostra relevante para a análise qualitativa, assim como descrito na metodologia. Alguns resultados significativos foram alcançados nesta etapa e serão apresentados nesta seção.

Como primeiro passo confirmamos que a ocorrência de deverbais, especificamente os terminados em -TION, é mais frequente em artigos acadêmicos do que em outros textos, como prevíamos. Ao consultar o COCA, notamos a presença consideravelmente maior das palavras terminadas em -TION nos

periódicos, como demonstrado na figura (8). A ocorrência das palavras com término – TION chega a ser cinco vezes maior em textos acadêmicos do que nos textos de ficção:

Figura 8 - Frequência de palavras terminadas em -TION em cada gênero

SECTION (CLICK FOR SUB-SECTIONS) (SEE ALL SECTIONS AT ONCE)	FREQ	SIZE (M)	PER MIL	CLICK FOR CONTEXT (SEE ALL)
<u>SPOKEN</u>	740,850	109.4	6,772.46	
<u>FICTION</u>	383,469	104.9	3,655.54	
<u>MAGAZINE</u>	922,627	110.1	8,379.09	
<u>NEWSPAPER</u>	868,928	106.0	8,200.23	
<u>ACADEMIC</u>	1,921,994	103.4	18,584.00	

Fonte: COCA – acesso em 21/10/2016

Com este dado em mãos, procuramos então pelos termos terminados em – TION mais frequentes, como exposto na metodologia. Após remover todas as instanciações que não seriam realizadas como deverbais, concluímos a lista de palavras mais frequentes como visto na tabela (2):

Tabela 2 – Números da amostragem

Deverbal	Ocorrências totais	Ocorrências coletadas	Ocorrências em posição temática
<i>Attention</i> (atenção)	23.175	231	23
<i>Action</i> (ação)	23.169	231	32
<i>Instruction</i> (instrução)	23.063	230	38

---

<i>Intervention</i> (intervenção)	22.957	229	49
<i>Participation</i> (participação)	16.963	169	30
Totais	109.327	1.090	172

Na tabela (2), também está incluso o número total de ocorrências de cada deverbal no *corpus COCA* e o número total coletado totalizando 1090 linhas de concordância. Reforçando que a seleção aleatória das linhas foi feita pelo *corpus COCA* através da ferramenta *sample*, que automaticamente seleciona as linhas e nos possibilita salvá-las em nosso perfil de usuário.

Com as linhas de concordância coletadas, passamos para o próximo passo, no qual discriminamos apenas as realizações nas quais o deverbal se encontra em posição temática. Com isso, concluímos a amostragem, como exibido na tabela (2) com 172 ocorrências para análise qualitativa. Esse número de linhas se provou relevante para a análise, por conter apenas deverbais que apresentam todas as características requeridas pelos mesmos. Nessas instâncias, as nominalizações funcionam dentro do sistema tema-rema dos textos como recurso dos gêneros acadêmicos, como já debatido.

O deverbal realocado como tema ajuda na argumentação de artigos científicos, por retomar sentenças previamente apresentadas, que passam a ser

realizadas como um grupo nominal e como como informação dada (velha)<sup>45</sup>. Além disso, não haveria possibilidade para um processo ser posicionado como tema da sentença, em nenhuma circunstância. Mais ainda, para se constituir como metáfora gramatical, há a necessidade de tensão nas funções. Assim, o que é prototipicamente processo, ao ser realocado como participante (no tema), se torna metafórico, e foco desta pesquisa.

Antes de dar início à próxima fase, definimos, junto ao *Framenet*, os argumentos requeridos por cada verbo de origem, ou seja, os papéis temáticos relacionados a cada verbo. Podemos identificar os argumentos de cada um na tabela (3):

Tabela 3 - Papéis temáticos

Deverbais	A1	A2	A3
<i>Attention</i> (atenção)	<i>Perceiver/explorer</i> (perceptor)	<i>Figure</i> (figura)	
<i>Action</i> (ação)	<i>Agent</i> (agente)	<i>Act</i> (ato)	
<i>Instruction</i> (instrução)	<i>Teacher</i> (instrutor)	<i>Skill</i> (habilidade)	<i>Student</i> (aprendiz)
<i>Intervention</i> (intervenção)	<i>Protagonist</i> (protagonista)	<i>Hindrance</i> (obstáculo)	
<i>Participation</i> (participação)	<i>Participants</i> (participantes)	<i>Event</i> (evento)	

<sup>45</sup> Para Halliday e Matthiessen (2014), a informação velha é aquela já previamente apresentada no contexto discursivo, enquanto informação nova ainda não foi tratada.

---

Como apresentado na tabela (3), cada deverbal se relaciona à pelo menos dois argumentos (A1 e A2), sendo bivalentes, com apenas *instruction* considerado trivalente (A1, A2 e A3). É importante salientar a necessidade de delimitar os papéis temáticos e não apenas a valência dos deverbais. Ao analisar qualitativamente, recorreremos a argumentos particulares para a busca exaustiva em cada ocorrência, pois procuramos manualmente por realizações que preenchessem cada papel especificamente, assim como delimitado na tabela (3).

Os *frames* associados ao verbo *attend* são um *perceiver/expressor* (perceptor/expressor) e uma *figure* (figura), de acordo com o site *Framenet* esse verbo se refere à um estado de prontidão do A1 para processar e considerar impressões a respeito de uma determinada figura, A2. Podemos identificar ambos os argumentos realizados nos exemplos (40 e 41) retirados do COCA, nos quais apresentamos o deverbal sublinhado, A1 em itálico e A2 em negrito:

(40) Some *media attention* and research have been directed at **commercial fishing** by catch involving highly charismatic animals (e.g.), dolphins in marine systems (...)<sup>46</sup>

(41) *My attention* was drawn to **a fuzzy object** in the same field of view.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> Uma certa atenção e pesquisa da mídia tem sido dirigida à pesca comercial por captura envolvendo animais altamente carismáticos (por exemplo), golfinhos em sistemas marinhos (...) (COCA: Freshwater Commercial Bycatch: An Understated Conservation Problem, 2011)

<sup>47</sup> Minha atenção foi atraída para um objeto difuso no mesmo campo de visão. (COCA: Comet tales, 1994)

---

Em (40 e 41) os argumentos que preencheram as lacunas requeridas foram, para A1 'mídia' e 'minha' (*media – my*); e para A2, 'pesca comercial' e 'objeto difuso' (*comercial fishery – fuzzy object*), respectivamente.

Os argumentos conectados ao verbo *act* foram definidos como um *agent* (agente) e um *act* (ato), A1 e A2. O *website* esclarece que *act* envolvem ações executadas por seres sensíveis. Concluímos com essa definição que para a compreensão desse deverbais não é requerido apenas o ator da ação, mas o que seria realizado por ele (o ato). Podemos notar ambos realizados nos exemplos (42 e 43), também retirados do COCA:

(42) Almost every interesting *human action* or policy, from **levying taxes, to raising an army, to providing for the national defense**, is both end relative to the steps taken to accomplish it and means (...) <sup>48</sup>

(43) A private cost **recovery action** against former service station operators was successfully maintained *by a party* who had cleaned up a petroleum release on that parcel. <sup>49</sup>

Nos excertos (42 e 43) as lacunas argumentais foram preenchidas por: A1, 'humana' e 'por um partido' (*human – by a party*); e A2, 'desde a cobrança de tributos, até a criação de um exército, à provisão para a defesa nacional' e

---

<sup>48</sup> Quase todas as ações ou políticas humanas interessantes, desde a cobrança de tributos, até a criação de um exército, à provisão para a defesa nacional, é tanto um fim quanto os passos dados para alcançá-lo e significa (...) (COCA: Civil Supremacy over the Military: Its Nature and Limits, 1992)

<sup>49</sup> Uma ação privada de recuperação de custos contra ex-operadores de estações de serviço foi mantida com sucesso por um partido que limpou um vazamento de petróleo nessa parcela. (COCA: Unsafe Sewage Sludge or Beneficial Biosolids?: Liability, Planning, and Management Issues Regarding, 1999)

---

'recuperação' (*levying taxes, to raising an army, to providing for the national defense* – *recovery*).

Por sua vez, o deverbais *instruction* é complementado pelos argumentos A1 - *teacher* (instrutor), A2 - *skill* (habilidade) e A3 - *student* (aprendiz), e o mesmo foi definido como pertencente ao *frame* de educação pelo *Framenet*, constituindo-se de um aprendiz aprendendo alguma habilidade (fato, material, preceito, papel ou qualificação) com um instrutor, como vemos no exemplo (44):

(44) As with any subject, the field of **foreign language instruction** has seen many changes and continues to develop-all with the intent of producing ***students*** who can use and apply the language in meaningful and interactive ways.<sup>50</sup>

No exemplo (44), além de termos o deverbais sublinhado e A2 em negrito, exibimos o A3 em negrito e itálico (***students***)<sup>51</sup>. Com os deverbais *instruction*, não houveram instâncias nas quais todos os argumentos estivessem expressos prototipicamente simultaneamente, mas foi possível recuperar o argumento para preencher essa lacuna, como veremos em maiores detalhes na seção discussão.

O quarto deverbais, *intervention*, também requer dois argumentos, sendo eles A1, *protagonist* (protagonista), e A2, *hindrance* (obstáculo). Para o site *Framenet* 'interferir' seria o *frame* ao qual esse deverbais pertence, de modo que vale de

---

<sup>50</sup> Como com qualquer assunto, o campo da instrução de língua estrangeira viu muitas mudanças e continua a desenvolver - tudo com a intenção de produzir estudantes que podem usar e aplicar a linguagem de formas significativas e interativas. (*COCA: how to be an effective substitute teacher in the Spanish classroom, 2012*)

<sup>51</sup> Deixaremos estabelecido a partir daqui que todas as instâncias de deverbais e seus argumentos expressos exemplificados estarão como a seguir: deverbais sublinhado, A1 em itálico, A2 em negrito e A3 em itálico e negrito.

---

prevenir um plano ou ação de progredir, suceder ou realizar-se. Como no exemplo (45), no qual identificamos A1, 'estado' (*state*); e A2, 'para impor limites e condições à iniciativa individual' (*to put limits and conditions to individual initiative*):

(45) Even in the freest society a certain *state intervention* is necessary **to put limits and conditions to individual initiative**, for otherwise society would slip into anarchy or the law of the jungle.<sup>52</sup>

Da mesma forma, *participation* é bivalente, e como definido pelo *Framenet*, se caracteriza por um evento com participantes. Teremos então A1, *participants* (participantes) e A2, *event* (evento). Podemos ilustrar esse deverbais com os exemplos (46 e 47) retirados do *COCA*:

(46) The Reagan-Bush policy encouraging *military participation* in **anti-drug campaigns** also ran counter to the preferences of Latin American officers.<sup>53</sup>

(47) In part, the literate or "textualized" spectators' fondness for the clamoring *participation* of a more popular audience during **theatrical performances** can be regarded as an example of continuing significance of a sound-based sense of community in "textualized" yet residually oral cultures.<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> Mesmo na sociedade mais livre, uma certa intervenção do estado é necessária para impor limites e condições à iniciativa individual, pois de outra forma a sociedade deslizaria para a anarquia ou para a lei da selva. (*COCA: The importance of Karl Popper*, 1991)

<sup>53</sup> A política de Reagan-Bush que encorajava a participação militar em campanhas antidrogas também era contrária às preferências dos oficiais latino-americanos. (*COCA: The decline of US military influence in Latin America*, 1993)

<sup>54</sup> Em parte, o gosto de espectadores alfabetizados ou "textualizados" pela participação de uma audiência clamorosa mais popular durante os desempenhos teatrais pode ser considerado como um exemplo de significado contínuo de um senso de comunidade baseado em som em "textualizado",

---

Nos excertos (46 e 47) tomamos como A1, 'militar' e 'mais popular'; e como evento, A2, 'campanhas antidrogas' e 'performance teatral'.

Tendo realizado a coleta da amostra, a definição dos argumentos a serem observados, e finalizado a fase manual deste trabalho, partimos então para a próxima fase, como exposto na seção a seguir.

### 3.2 SEGUNDA FASE

A etapa qualitativa desta pesquisa consistiu em analisar, manualmente, cada linha de concordância coletada, procurando a realização ou não dos argumentos junto aos deverbais. Além de verificar a presença expressa dos argumentos realizados com as nominalizações, também foi essencial analisar como se deu a omissão dos argumentos não presentes, a fim de apurar se os mesmos seriam recuperáveis de alguma forma, como proposto na seção revisão de literatura. Caso houvesse recuperação dos argumentos, examinamos como foi realizada e compreendida pelos interactantes. Para que ambas essas análises fossem possíveis, elas foram divididas em duas, a contagem dos argumentos expressos, e a análise exaustiva dos omitidos.

Após a contagem da expressão/omissão dos argumentos, o total da relação entre expressos e omitidos de cada deverbal individualmente se resultam como nas figuras (9-13) a seguir:

---

mas residualmente, culturas orais. (COCA: Close Cultural Encounters: Speech and Writing Influence, 1992)

Figura 9 – Relação expressos/omitidos *attention*

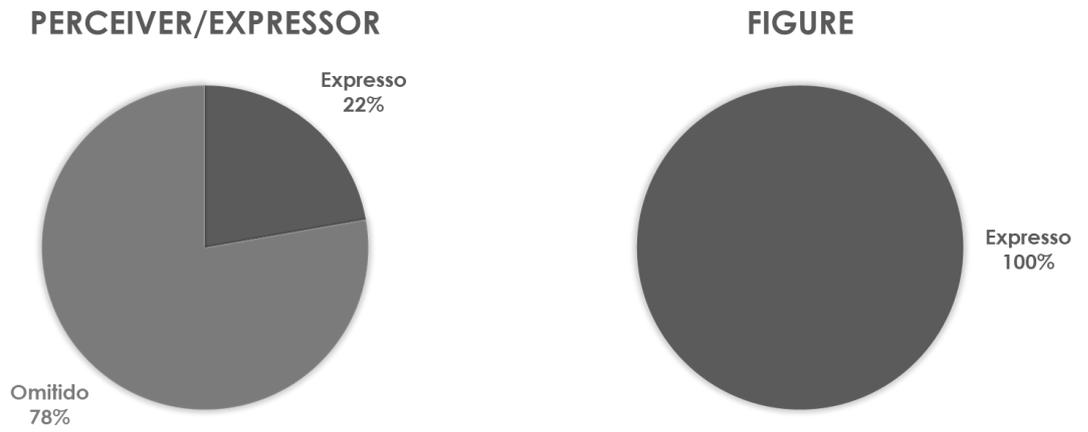


Figura 10 – Relação expressos/omitidos *action*

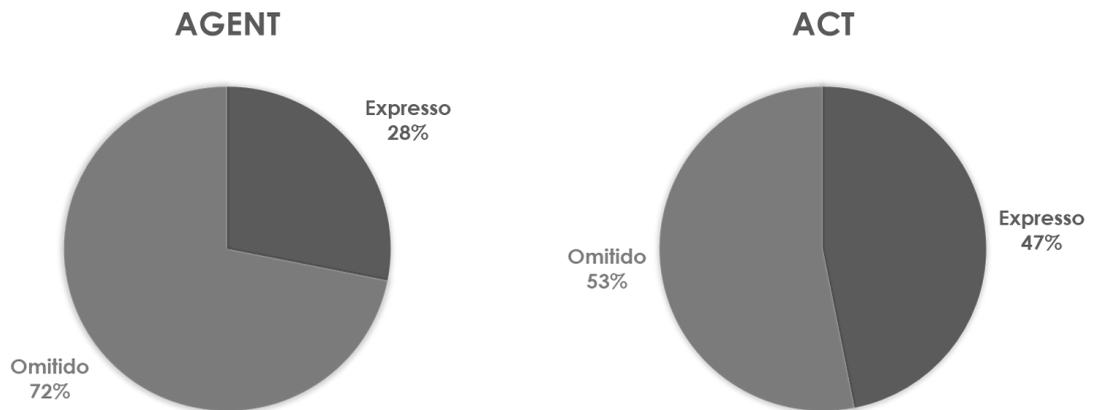


Figura 11 – Relação expressos/omitidos *instruction*

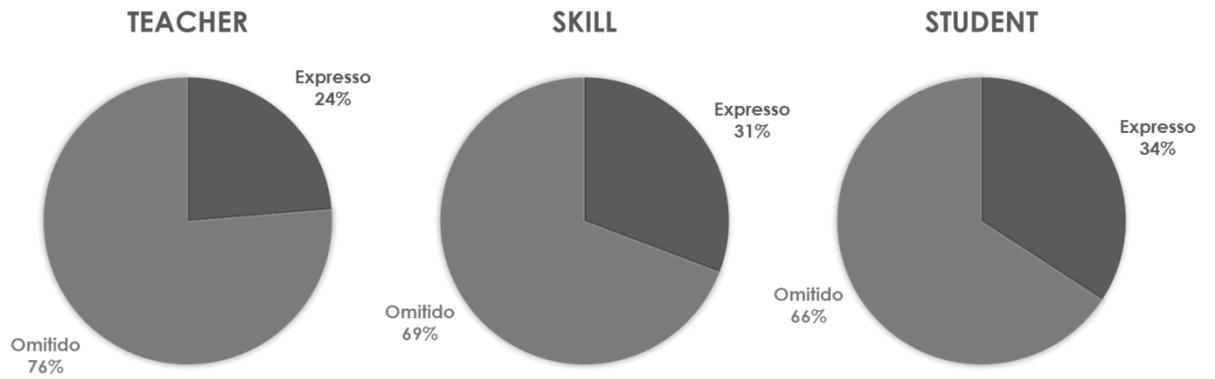
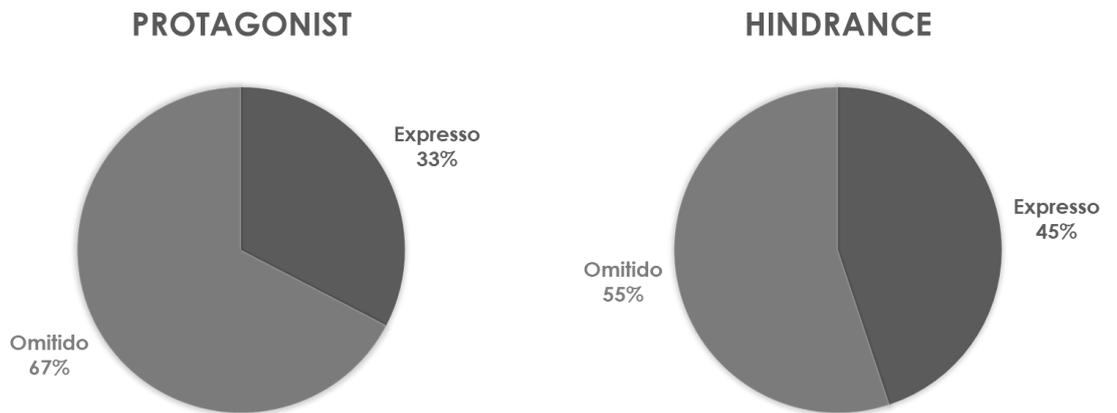
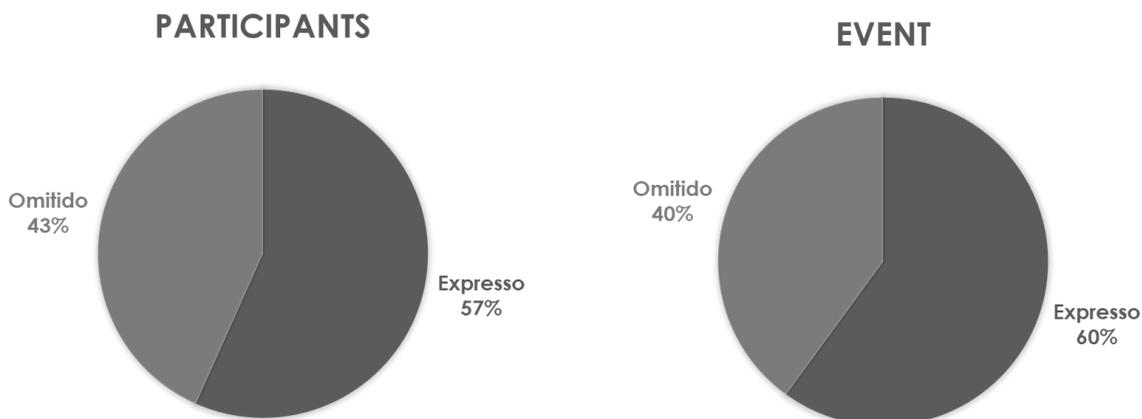


Figura 12 – Relação expressos/omitidos *intervention*



---

Figura 13 – Relação expressos/omitidos *participation*



Tendo em mente os resultados numéricos aqui apresentados, seguiremos com maiores detalhamentos a respeito dos resultados obtidos. Primeiramente, analisaremos os argumentos expressos.

### 3.3 ARGUMENTOS EXPRESSOS

As realizações de argumentos expressos compõem-se das ocorrências nas quais o argumento está realizado prototipicamente na mesma sentença que o deverbal, de maneira similar ao que ocorre com os verbos. Para essa etapa, apenas contabilizamos através da análise os argumentos presentes. Os excertos (40 – 47) são amostras dessas ocorrências, assim como o exemplo (48):

---

(48) The intense attention, first *from environmental groups and subsequently from the public*, drove research and development and forced **the fishery** to adopt new methods.<sup>55</sup>

No exemplo (48) é possível visualizar com clareza os argumentos do deverbal, *attention*. Como definido pelo *Framenet*, '*environmental groups* - A1 (*perceiver*) em itálico - e '*the fishery*' - o A2 (figura) em negrito.

Nessa etapa, cada papel temático foi apurado separadamente, ou seja, era possível que apenas um dos argumentos da sentença estivesse expresso, e os outros não. Com essa análise, conseguimos em termos numéricos um panorama geral de como são realizados os argumentos dos deverbais. Assim como visualizado nos gráficos para cada deverbal, podemos ver na tabela (4), como foram os resultados totais:

Tabela 4 - Número total dos argumentos expressos/omitidos

Argumentos	A1	A2	A3	Total
Expressos	59	90	13	162
Omitidos	113	82	25	220

Com estes resultados foi verificado que os argumentos, de forma geral, são

---

<sup>55</sup> A intensa atenção, em primeiro lugar dos grupos ambientalistas e, posteriormente, do público, impulsionou a pesquisa e o desenvolvimento e forçou a pesca a adotar novos métodos (COCA: Freshwater Commercial Bycatch: An Understated Conservation Problem, 2011)

---

omitidos 1,3 mais vezes do que são realizados prototipicamente na sentença, constando então 42% de ocorrências nas quais os argumentos foram expressos. Esse número é extremamente significativo para supor que os argumentos são recorrentes e intrínsecos aos deverbais, assim como para os termos primitivos, o processo.

Também notamos uma diferença na realização entre os argumentos (A1, A2 e A3), como é possível observar na tabela (4). Sendo que os papéis considerados como A1 e A2 tiveram uma frequência de omissão 96% e 92% maior que de expressão, respectivamente. Enquanto no A3, não houve mudança significativa, apesar da manifestação de argumentos expressos ser maior do que os omitidos.

Tendo em vista que o número de sentenças nas quais os argumentos foram expressos é significativo, deduzimos que, como proposto, os deverbais requerem os argumentos assim como sua raiz verbal. No entanto, ainda nos restavam 220 argumentos que não haviam sido encontrados logo no grupo nominal ou na mesma sentença que o deverbal. Para verificar se nesses casos seria possível recuperar o argumento de alguma das maneiras propostas no referencial, foi preciso analisar exhaustivamente essas ocorrências. Veremos agora como se deu a ocorrência dos argumentos omitidos.

### 3.4 ARGUMENTOS OMITIDOS

Para investigar os argumentos omitidos em maiores detalhes, quatro recursos que consideramos serem utilizados por autores para que os argumentos se

---

mantivessem, recuperados através do contexto, e não realizados junto ao núcleo nominal ou sentença, foram definidos. Esses recursos são, como propostos na seção revisão de literatura:

- a) Presentes no hipertema;
- b) Recuperáveis por zero anafórico;
- c) Recuperáveis por catáfora;
- d) Conhecimento partilhado pelos interactantes.

Também concluímos que, frequentemente, a distinção entre omissão por hipertema, anáforas e conhecimento partilhado não é clara. A importância dessa etapa, foi notar se havia alguma lacuna argumental junto ao deverbais, ou se seus argumentos seriam recuperáveis, sendo omitidos como recurso textual. Por isso, avaliamos que essas omissões fazem parte de um mesmo *continuum*, como na figura (14):

Figura 14 - *Continuum* de omissão dos argumentos dos deverbais



Na figura (14), constatamos que esses recursos partem de um extremo no qual a leitura detalhada do texto é requerida até outra extremidade, onde conhecimento partilhado é suficiente. Nos recursos relacionados ao 'hipertema', a

---

omissão requer leitores especializados e que compreendem o texto em sua completude para identificar os argumentos do deverbal realizado. Os gêneros acadêmicos em si requerem um alto nível de experiência do leitor para a total assimilação do mesmo. E esses argumentos, particularmente, podem ser recuperados no discorrer do texto, pelo hipertema.

Passamos, então, aos recursos zero anafórico e catáfora, nos quais também é necessário a leitura e compreensão de excertos anteriores ou posteriores do próprio texto para a recuperação dos argumentos. Mas a realização do mesmo estará mais próxima do deverbal do que no caso do hipertema, que pode estar ligado ao tópico geral do artigo.

Já no outro extremo do *continuum* contamos com os conhecimentos partilhados. Primeiramente somente por leitores especializados da área, como termos técnicos, e logo após por um público mais amplo, por serem argumentos reconhecíveis sem a necessidade de conhecimento específico ou de leitura prévia do texto.

Mesmo reconhecendo a dificuldade de se discriminar cada recurso de omissão isoladamente, por serem parte de um mesmo *continuum*, para fins analíticos, e para alcançarmos resultados, procuramos fazer essa discriminação, como apresentado e exemplificado nesta seção.

É necessário frisar que a utilização dos recursos de omissão apresentados no *continuum*, figura (14), não está atrelada a todos os argumentos da mesma

---

sentença concomitantemente. Ou seja, é possível que o A1 fosse recuperável através do hipertema; enquanto o A2 estivesse expresso, ou utilizasse de outro recurso, como anáforas ou conhecimentos partilhados. À vista disso, em todos os exemplos mencionaremos qual foi o recurso mais evidentemente utilizado dentro do *continuum*, sempre mantendo em vista que a combinação de recursos pode sempre ser a tônica.

Em nossa análise, nos casos em que o argumento está presente no hipertema, ele possivelmente já foi, quase sempre, apresentado anteriormente, ou é o tema recorrente do texto, e não há necessidade de mencioná-lo novamente. Concluímos que o exemplo (49) representa essa circunstância, por retomar o assunto em questão (*participation*) diversas vezes, o que tornaria a realização de seus argumentos repetitiva. Além do próprio título do artigo conter os argumentos para a retomada pelo leitor “*User Participation in Defining System Interface Requirements: An Issue of Procedural Justice*”:

(49) Conversely, when promised <sup>[A1's]</sup> participation <sup>[in A2]</sup> exceeded actual <sup>[A1's]</sup> participation <sup>[in A2]</sup>, increased <sup>[A1's]</sup> participation <sup>[in A2]</sup> levels led to monotonic decreases in user attitudes and performance.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> Por outro lado, quando prometida participação <sup>[de A1] [em A2]</sup> excedeu a participação real <sup>[de A1] [em A2]</sup>, o aumento da participação <sup>[de A1] [em A2]</sup> nos níveis levou a diminuições monotônicas nas atitudes e desempenho dos usuários. (COCA: User Participation in Defining System Interface Requirements: An Issue of Procedural Justice, 1996)

---

Da mesma forma, em (50), notamos mais uma vez a repetição do assunto (*intervention*), e seu argumento expresso no próprio título “Young students at risk for antisocial behavior: The utility of **academic and social skills interventions** <sup>[by A1]</sup>”:

(50) Intervention <sup>[in A2] [by A1]</sup> group was used as a between-subjects factor, whereas time and the intervention <sup>[in A2] [by A1]</sup> group x time interaction were within-subjects factors.<sup>57</sup>

De maneira similar, consideramos que em (51), a palavra *again* (novamente) realizada após o processo nos indica que a ação mencionada é a repetição de uma ação já exposta e explícita, onde todos os seus argumentos podem ser recuperados pelo leitor:

(51) Then <sup>[A2]</sup> action <sup>[by A1]</sup> starts again.<sup>58</sup>

Nos excertos (49, 50 e 51), apresentamos deverbais que não realizaram todos os seus argumentos, e de forma a facilitar a visualização das omissões argumentais incluímos em sobrescrito os argumentos que não estão presentes. Assim o faremos no decorrer desta análise.

Por sua vez, o zero anafórico pode ocorrer de duas maneiras, nos casos em que se torna redundante a realização do argumento, e nos casos em que sua presença é opcional. Ressaltando que a anáfora faz referência ao termo anterior,

---

<sup>57</sup> O grupo Intervenção <sup>[em A2] [por A1]</sup> foi utilizado como fator entre indivíduos, enquanto o tempo e a intervenção <sup>[em A2] [por A1]</sup> grupo x tempo de interação foram fatores dentro dos assuntos. (COCA: Young students at risk for antisocial behavior: The utility of academic and social skills interventions, 1999)

<sup>58</sup> Então <sup>[A2]</sup> ação <sup>[por A1]</sup> começa novamente. (COCA: A Participatory Conversation about How the Universe, Our Lives, and Science Are Participatory, 2001)

---

logo, o argumento está presente antes da realização do deverbal. Podemos identificar casos em que houve a omissão do argumento através do zero anafórico nos exemplos (52 e 53):

(52) A carry is placed within the compressed data stream by the encoder through a method known as bit stuffing. Bit stuffing occurs whenever a **0xFF byte is generated during compression, inserting a stuff bit before the next bit of coded data**. This action <sup>[A2]</sup> <sup>[by A1]</sup> inherently increases the amount of compressed data.<sup>59</sup>

No exemplo (52) é possível identificar que adicionar o argumento (A2) *of bit stuffing* – ‘de preenchimento de bits’, após o deverbal, seria redundante. Motivo pelo qual ele está ausente (e sobrescrito), mas ainda recuperável ao ampliarmos a linha de concordância (em negrito).

Já no excerto (53), na sentença na qual o deverbal é realizado ambos os argumentos estão omitidos (e sobrescritos), mas recuperáveis no contexto imediatamente anterior (em itálico e negrito), representando o recurso zero anafórico:

(53) These **contests** are not formally part of Poro, but rather are a preparation for it: they allow *young men* to prove that they have the ability to undergo initiation. Although participation <sup>[of A1]</sup> <sup>[in A2]</sup> is not mandatory, the competition

---

<sup>59</sup> Um carregamento é colocado dentro do fluxo de dados compactados pelo codificador através de um método conhecido como preenchimento de bits. O preenchimento de bits ocorre sempre que um byte 0xFF é gerado durante a compressão, inserindo um bit de material antes do próximo bit de dados codificados. Esta ação <sup>[A2]</sup> <sup>[realizada por A1]</sup> aumenta inerentemente a quantidade de dados compactados. (COCA: Performance as a function of compression, 1998)

---

has a high social rating, and only a few are unwilling to follow the call to join in.<sup>60</sup>

No exemplo (53) consideramos que o argumento (A2) poderia ser expresso na mesma sentença do deverbais, de maneira que a sentença se realizaria da seguinte forma (54):

(54) These **contests** are not formally part of Poro, but rather are a preparation for it: they allow *young men* to prove that they have the ability to undergo initiation. Although participation <sup>[of A1]</sup> **in the contest** is not mandatory, the competition has a high social rating, and only a few are unwilling to follow the call to join in.<sup>61</sup>

No exemplo (54), adicionamos o argumento (A2) *in the contest* (no concurso) logo após o deverbais, o que não tornou a sentença redundante. Provavelmente para evitar repetição e por motivos de economia linguística, o autor escolheu não realizar esse argumento, tornando-o também omitido, mas recuperável.

Os argumentos retomados por via de catáfora são realizados após a presença do deverbais, como visível em (55). No excerto, compreendemos apenas

---

<sup>60</sup> Esses concursos não são formalmente parte de Poro, mas sim são uma preparação para isso: eles permitem que homens jovens provem que eles têm a capacidade de se submeter a iniciação. Embora a participação <sup>[de A1] [em A2]</sup> não é obrigatória, a competição tem uma alta classificação social e apenas alguns estão dispostos a seguir a chamada para participar. (COCA: Senufo masking and the art of Poro, 1993)

<sup>61</sup> Esses concursos não são formalmente parte de Poro, mas sim são uma preparação para isso: eles permitem que homens jovens provem que eles têm a capacidade de se submeter a iniciação. Embora a participação no concurso não é obrigatória, a competição tem uma alta classificação social e apenas alguns estão dispostos a seguir a chamada para participar.

---

mais adiante no parágrafo, que o argumento (A2 – em negrito) - qual é a ação a ser tomada - é a utilização de recursos imaginativos disponíveis na cidade:

(55) Recognition of the need for swift action <sup>[A2] [by A1]</sup> comes at a time when public money for support of the arts is being slashed at the national and state levels. (...) These problems, which are equally serious, **can and must be addressed through the imaginative deployment of resources available within the city.** <sup>62</sup>

Assim como em (56) somos apresentados à habilidade instruída mais adiante no texto:

(56) For example, prior to 1997 the *authors'* basic instruction program required ALL **students** to take the basic conditioning class. In essence, students were required to become **runners** because that was the only mode of CR exercise. <sup>63</sup>

Desta forma, em (56), compreendemos posteriormente que os alunos estão sendo instruídos através de exercícios para serem corredores (*runners*).

---

<sup>62</sup> O reconhecimento da necessidade de ações rápidas <sup>[pela A1]</sup> vem em um momento em que o dinheiro público para apoio às artes está sendo reduzido nos níveis nacional e estadual. (...) Estes problemas, igualmente sérios, podem e devem ser abordados através da implantação imaginativa de recursos disponíveis dentro da cidade. (COCA: Educating audiences for music: Training performers to teach, 1996)

Este trecho em sua completude pode ser encontrado no Anexo 1 deste trabalho.

<sup>63</sup> Por exemplo, antes de 1997, o programa de instrução básica dos autores exigia que TODOS os alunos tomassem a classe básica de condicionamento. Em essência, os alunos eram obrigados a se tornar corredores, porque esse era o único modo de exercício de RC. (COCA: Using Assessment to Support Basic Instruction Programs In Physical Education., 2006)

---

Já em relação aos casos em que há mais evidência de conhecimento compartilhado pelo autor e leitor, em que o conhecimento pode ser de área ou de mundo, exemplificamos a partir de nossa análise, com os excertos a seguir (57, 58 e 59). Acreditamos que os exemplos seguintes se referem à conhecimento técnico e conhecimento de mundo, respectivamente. Visto que em (57) interactantes relacionados à área médica percebem que atenção dedicada a períodos pós-natal é dada pelo médico (A1); enquanto em (58), que é de conhecimento compartilhado por um número mais abrangente de interactantes não técnicos, interpretamos que os participantes da ceia são os apóstolos (A1).

(57) Attention <sup>[by A1]</sup> **to the early stages of the postnatal period** may prevent subsequent costs, including psychological distress and deteriorating spousal relations.

(58) Through the <sup>[A1's]</sup> participation in the Lord's Supper, where Christ offers in his own self-gift the gift of forgiveness, we might well enlarge our capacity to ask, give, and receive forgiveness.<sup>64</sup>

Do mesmo modo em (59) a ação mencionada pelo autor é uma ação legal, ou seja, um processo jurídico, não necessitando de maiores explicações acerca de

---

<sup>64</sup> (57) A atenção <sup>[de A1]</sup> aos estágios iniciais do período pós-natal pode evitar custos subsequentes, incluindo sofrimento psicológico e deterioração das relações conjugais. (COCA: Mothers' Marital Adaptation Following the Birth of Twins or Singletons, 2008)

(58) Através da participação <sup>[de A1]</sup> na Ceia do Senhor, onde Cristo oferece em seu próprio dom o dom do perdão, podemos aumentar nossa capacidade de pedir, dar e receber o perdão. (COCA: Eucharistic Justice, 2006)

---

seu ato para os seus leitores especializados. Por conta disso, apenas A1 foi realizado:

(59) An Agency's <sup>[A2]</sup> action is usually stayed by the bankruptcy court and then, after receiving little compensation in the court's distribution of the debtor's assets, an Agency's claim is generally discharged by the court at the completion of the proceeding.<sup>65</sup>

Ressaltamos, mais uma vez, que a diferenciação estrita entre conhecimento de mundo e conhecimento de área pode ser contestável, visto que aquilo que foi considerado conhecimento de área, muitas vezes pode ser também reconhecido por indivíduos que não pertencem a determinada área. E, da mesma forma, o que foi definido como conhecimento de mundo pode ser utilizado por áreas particulares como vocabulário acadêmico específico. Por outro lado, o que de fato deve ser destacado neste estudo é que o conhecimento partilhado por autor e leitor, independentemente de sua origem, é importante para a manutenção do fluxo temático e informacional do texto acadêmico e para o satisfatório preenchimento das casas valenciais dos deverbais neles presentes.

Além disso, é possível que, além de presentes como conhecimento partilhado, esses argumentos já estivessem contidos no hipertema do texto em si, encontrando-se, da mesma forma, dentro do *continuum* apresentado na figura (14).

---

<sup>65</sup> A ação <sup>[A2]</sup> da Agência geralmente é mantida pelo tribunal de falências e, depois de receber uma pequena compensação na distribuição do patrimônio do devedor pelo tribunal, o pedido de uma agência é geralmente deferido pelo tribunal na conclusão do processo. (COCA: Strange things are afoot at the Circle K: Agency action against leased sites in environmental Bankruptcy, 1993)

O fato que nos interessa é que esses argumentos são recuperáveis, e não ausentes, o que corrobora com a hipótese de que os deverbais mantêm a estrutura argumental do verbo de origem, mas realizando-os de diferentes maneiras, como vimos nos exemplos (52 a 59), entre outros exemplos destacados nesta pesquisa.

Os resultados, em termos numéricos, se deram como apresentados na tabela (5):

Tabela 5 – Realização total dos argumentos

Argumentos	<i>Attention</i>		<i>Action</i>		<i>Instruction</i>			<i>Intervention</i>		<i>Participation</i>		Total
	A1	A2	A1	A2	A1	A2	A3	A1	A2	A1	A2	
Expressos	8	23	9	15	9	12	13	16	22	17	18	162
Omitidos	15	0	23	17	29	26	25	33	27	13	12	220

Assim, confirmamos nossa hipótese de que os deverbais requerem os argumentos da mesma forma que seus verbos de origem, que poderão estar expressos ou omitidos, mas nunca ausentes na compreensão do leitor. E ainda, podemos supor que o autor omitirá os argumentos dos deverbais com mais frequência do que realizará os mesmos.

---

Alguns aspectos pertinentes foram constatados durante a análise, e serão apresentados na seção a seguir.

### 3.5 DISCUSSÃO

Ao procedermos a análise, além de identificar a presença recorrente dos argumentos dos deverbais, tanto prototipicamente expressos quanto recuperáveis como informação acessível no texto, quatro particularidades frequentes nessa realização foram notadas, nos deverbais aqui estudados. Sendo elas:

- i. Raramente foram omitidos todos os argumentos de uma vez;
- ii. O agente (A1) foi mais frequentemente omitido;
- iii. *Attention* teve o evento (A2) expresso 100% das vezes;
- iv. *Instruction* não apresentou nenhuma linha com todos os argumentos expressos.

Apesar de constatar uma maior frequência de argumentos omitidos, a omissão de todos os argumentos em uma mesma sentença não se mostrou habitual. Em apenas 47 ocorrências vimos a omissão de todos os argumentos, totalizando 27% das linhas. Acreditamos que para manter a coesão do texto, e a maior compreensão pelo leitor, é preferencial que pelo menos um dos argumentos seja realizado. Mas também podemos ver o exemplo (60), onde todos os argumentos foram omitidos, sendo eles instrutor, habilidade e aluno:

---

(60) Web-based instruction <sup>[of A3] [in A2] [by A1]</sup> is a relatively recent phenomenon and research in the area is in its infancy.<sup>66</sup>

Outro resultado notável foi a omissão dos argumentos A1, considerados os agentes dos verbos *input*, como instrutor e participantes. Esse fator pode estar relacionado à hipótese de Chafe (1994) de que o protagonista do processo (verbo) será associado à ação em si<sup>67</sup>. Nos casos analisados, o deverbal, muitas vezes já previamente apresentado no hipertema do texto, consiste da junção da ação com seu protagonista, dispensando a realização do mesmo. Neste estudo, das 220 omissões, 113 são de agentes na sentença, ou 51%. Em (61 e 62) trazemos, a seguir, exemplos dessa omissão:

(61) Participation <sup>[of A1]</sup> **in the study** involved completion of the survey instruments described above prior to and following the delivery of the 12-hour ACEP curriculum.<sup>68</sup>

(62) The additional hours of intensive reading intervention <sup>[by A1]</sup> would seem **to favor higher end-of-year scores** for the treated strong responders in Cohort.<sup>69</sup>

---

<sup>66</sup> A instrução <sup>[de A3] [em A2] [por A1]</sup> baseada na Web é um fenômeno relativamente recente e a pesquisa na área está em sua infância. (COCA: Impact of Learning Strategies and Motivation on Performance: A Study in Web-Based Instruction, 2001)

<sup>67</sup> Para Chafe (1994), sujeitos são leves, no sentido que se constituem de informação velha ou acessível, e caso nova, trivial. Portanto, valem-se de menor complexidade linguística do que o restante da frase, a informação nova.

<sup>68</sup> A participação <sup>[de A1]</sup> no estudo envolveu a conclusão dos instrumentos de pesquisa descritos acima antes e após a entrega do currículo ACEP de 12 horas. (COCA: Teaching Mental Skills for Self-Esteem Enhancement in a Military Healthcare Setting, 2009)

---

No exemplo (61), há a realização do *event* (*in the study*) mas não do agente (ou do participante), que já está presente no hipertema no texto. Assim como em (62), no qual o obstáculo - A2 - foi realizado (*to favor higher end-of-year scores – A2*), o que não ocorre com seu agente, A1.

O terceiro aspecto notado foi a expressão de todos os argumentos referentes à figura junto ao deverbal *attention*. Presumimos que existe a necessidade de se realizar esse argumento, para garantir a compreensão da sentença. Fizemos um teste em (63) e (64) e removemos esse argumento da sentença, tornando-a de difícil compreensão:

(63) On the other hand, <sup>[A1]</sup> paying closer attention to traditional knowledge may lead to challenges of those theories or at least offer alternative explanations or greater awareness of non-Western ways of thinking about landscapes.<sup>70</sup>

(64) \* On the other hand, paying closer attention may lead to challenges of those theories or at least offer alternative explanations or greater awareness of non-Western ways of thinking about landscapes.

Confirmamos em (64), que ao menos um pronome deve ser adicionado como argumento para garantir a compreensão da sentença, dada a complexidade

---

<sup>69</sup> As horas adicionais de intervenção <sup>[por A1]</sup> intensiva em leitura parecem favorecer melhores pontuações de fim de ano para os fortes respondentes tratados na Cohort. (COCA: Addressing False Positives in Early Reading Assessment Using Intervention Response Data, 2015)

<sup>70</sup> (63 e 64) Por outro lado, <sup>[A1]</sup> prestar atenção (aos conhecimentos tradicionais) pode levar a desafios dessas teorias ou, pelo menos, oferecer explicações alternativas ou uma maior conscientização das formas não-ocidentais de pensar sobre paisagens. (COCA: Decolonizing the Archaeological Landscape: The Practice and Politics of Archaeology in British Columbia, 2006)

---

no número de argumentos do deverbais. Por esse motivo, em todas as linhas o argumento figura (A2) foi realizado prototipicamente junto à *attention*.

O último fator a ser mencionado nesta discussão foi o não-registro de ocorrências nas quais estariam presentes todos os argumentos do deverbais *instruction*. As nominalizações apresentam linhas de concordância nas quais todos os argumentos estão omitidos (com exceção de *attention*, como já discutido), e todos os deverbais apresentaram linhas em que todos estavam expressos, o que não ocorreu com *instruction*. A porcentagem de realização de todos os argumentos na sentença chega a ser de 40% com o deverbais *participation*, e no mínimo 12% com *action*.

Acreditamos que o motivo dessa ocorrência seja o fato de *instruction* ser o único deverbais trivalente de acordo com *Framenet*, ou seja, com três argumentos requeridos. Considerando o princípio funcional de economia, como citado por Camacho (2007), os usuários da língua optam por reduzir o comprimento e a complexidade das sentenças sempre que possível, ou seja, tendendo pela omissão de informação, como mencionado na revisão de literatura. Assim, a realização prototípica dos três argumentos de *instruction* na mesma sentença tornaria a mesma extremamente complexa e extensa. Como notório no exemplo (65), a inclusão de mais um argumento seria excessivo:

---

(65) For example, prior to 1997 the *authors'* basic instruction <sup>[in A2]</sup> program required ALL **students** to take the basic conditioning class.<sup>71</sup>

Já o oposto, todos os argumentos omitidos, é cognitivamente preferível e houveram ocorrências em nossos dados, como no excerto (66):

(66) At that time, <sup>[A1's]</sup> instruction <sup>[of A3] [in A2]</sup> ceased on that preposition, and maintenance data collection began according to a predetermined schedule.<sup>72</sup>

No exemplo (66), nenhum dos argumentos foi realizado, mas há elementos que nos indicam uma prévia introdução da instrução no hipertema do texto, como *At that time* (Naquela época), e *that preposition* (nessa preposição). Ambos citam passagens anteriores do texto com pronomes (*that*), o que nos indica que os argumentos estão presentes no contexto textual, dispensando sua repetição.

Tendo concluído nossa apresentação da análise, partiremos agora para as considerações finais desta dissertação.

---

<sup>71</sup> Por exemplo, antes de 1997, o programa de instrução básica <sup>[na A2]</sup> dos autores exigia que TODOS os alunos tomassem a aula básica de condicionamento. (COCA: Using Assessment to Support Basic Instruction Programs In Physical Education, 2006)

<sup>72</sup> Naquela época, as instruções <sup>[do A1] [sobre A3] [na A2]</sup> cessaram nessa preposição, e a coleta de dados de manutenção começou de acordo com um cronograma predeterminado. (COCA: Using Direct Instruction: Teaching Preposition Use to Students With Intellectual Disability, 2015)

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi investigar a estrutura argumental do verbo *input* nas nominalizações terminadas em –TION em artigos científicos. Buscamos identificar, assim como proposto por Camacho (2007), a presença da valência nominal dos deverbais, e de que maneira são realizados seus argumentos. Para esse fim, utilizamos o corpus COCA, que forneceu dados empíricos de falantes nativos da língua inglesa, em especial em artigos acadêmicos. Para a identificação dos argumentos dos deverbais, foi utilizado o site *Framenet*, que nos indicou os seus complementos essenciais.

A primeira pergunta foi “Os deverbais requerem argumentos explicitamente assim como seus respectivos verbos *input*?”. Neste estudo, analisamos as instâncias de nominalizações empregadas como recurso de progressão temática, utilizadas, portanto, em posição temática. A esse respeito, pudemos concluir que os argumentos estavam presentes no fluxo textual e, portanto, faziam parte da valência do nominal.

A segunda pergunta abordada foi “Os argumentos não expressos explicitamente são recuperáveis no fluxo discursivo? Como isso ocorre?”. Foi observada a grande frequência de ocorrências nas quais os argumentos não estavam expressos prototipicamente, mas recuperáveis de alguma forma. Para essa etapa da análise, recursos textuais associados à omissão de argumentos foram identificados, são eles; hipertema, anáfora, catáfora, e conhecimentos partilhados.

---

Identificamos, também, que eles atuam em combinação, formando um *continuum*, o que levou à terceira pergunta de pesquisa, a seguir comentada.

A terceira pergunta de pesquisa foi “Existe um padrão de omissão dos argumentos dos deverbais analisados? ”. Foi proposto, como já mencionado, um *continuum* para as realizações dos argumentos omitidos nas instâncias de nominalizações. Essa progressão parte do extremo no qual os argumentos se encontram no hipertema do texto, ou seja, já foram previamente apresentados e não requerem repetição; passando pelos recursos de anáfora e catáfora, nos quais o argumento é realizado posteriormente ou anteriormente ao próprio verbal; e indo em direção ao outro extremo, em que há o conhecimento partilhado, seja esse conhecimento de mundo, ou o conhecimento de área dos interactantes. A noção de *continuum* foi defendida aqui por entendermos que esses recursos de recuperação da informação atuam em combinação e não podem ser separados aprioristicamente, ou de modo isolado.

Dessa maneira, a respeito da estrutura argumental dos deverbais terminados em –TION, pudemos identificar que a valência do verbo de origem é mantida, e que sua expressão pode ser omitida por motivos ligados à necessidade de economia e de empacotamento textual.

Foi notado também uma predileção no mundo globalizado pela língua inglesa como língua franca, especialmente em meios tecnológicos e científicos. Produções acadêmicas em inglês já excedem as em português em diversos meios digitais de publicações de periódicos (CARNEIRO, OLIVEIRA, 2017), e

---

pesquisadores de diferentes origens publicam em inglês mesmo não sendo falantes nativos da mesma. Tendo em vista a crescente demanda para a produção na língua inglesa, tornou-se imprescindível a instrução de alunos de inglês como língua estrangeira acerca das particularidades dos artigos acadêmicos.

Conseqüentemente, para atingir maestria e prestígio na acadêmica, é importante que pesquisadores aprendam a manejar recursos essenciais aos gêneros. Carneiro e Oliveira (2017), defendem que esse domínio textual seja crucial para o desenvolvimento da ciência, da arte e da filosofia. Logo, junto ao ensino de inglês para fins acadêmicos é relevante, em especial, o ensino acerca do uso das nominalizações.

Ninin *et al* (2015) debate como a conscientização a respeito do uso de instâncias de nominalizações é benéfico para a qualidade do texto científico, ao passo que essa instrução é tarefa árdua, mas deve ser enfrentada por docentes e discentes.

Com isso, após exaustiva pesquisa acerca dos deverbais, julgamos necessário propor uma maneira de facilitar a instrução desse recurso para alunos de inglês como segunda língua. Tendo como base a atividade didática sugerida por Hyland (2008), organizamos a atividade a seguir<sup>73</sup>:

- I. Apresentação teórica acerca de metáforas gramaticais e nominalizações, em especial na escrita acadêmica;
- II. Apresentação e prática dos recursos referentes à “desmetaforização”,

---

<sup>73</sup> Passos indicados em artigo no prelo, a ser publicado em 2017 (Oliveira e Perini-Loureiro, prelo).

- 
- III. Apresentação e prática dos recursos referentes à “metaforização”,
- IV. Motivar a utilização e identificação dos recursos estudados, tanto na produção quanto na recepção de textos acadêmicos.

Inicialmente, sugerimos que a instrução comece através da apresentação dos fatores teóricos relevantes, como conceitos de metáforas gramaticais e nominalizações, e dos teóricos mais relevantes da área. É importante nessa fase que se foque na produção científica, para contextualizar o aprendizado.

Logo em seguida, seria interessante a prática da “desmetaforização”, ou seja, o reconhecimento de metáforas em textos autênticos, e a realização do trajeto inverso. Esse passo auxiliará na conscientização da importância das metáforas para o texto acadêmico, e na percepção da omissão dos seus argumentos. Para ilustrar, utilizamos um excerto de nossa amostra (67):

(67) Even in the freest society a certain state intervention is necessary to put limits and conditions to individual initiative, for otherwise society would slip into anarchy or the law of the jungle.<sup>74</sup>

No exemplo (67) é importante ressaltar a ocorrência do deverbal *intervention*, e auxiliar os alunos a transformá-lo em um processo novamente, como proposto em (68), além de discutir qual forma seria mais apropriada para artigos acadêmicos:

---

<sup>74</sup> Mesmo na sociedade mais livre, uma certa intervenção estadual é necessária para colocar limites e condições para a iniciativa individual, pois, de outra forma, a sociedade poderia se deslizar para a anarquia ou a lei da selva. (COCA: The importance of Karl Popper, 1991)

---

(68) Even in the freest society, it is necessary for the state to intervene in a certain way, in order to put limits and conditions to individual initiative, for otherwise society would slip into anarchy or the law of the jungle.<sup>75</sup>

Em contrapartida, a prática de “metaforização” também se torna essencial, em especial quando feita a partir de textos produzidos pelos próprios discentes, para que pratiquem o aperfeiçoamento da escrita. Sugerir que alunos tragam suas próprias produções e trabalhem na despersonificação de processos, ou que auxiliem colegas a fazerem o mesmo, e avaliem se houve melhoria na qualidade do texto como um todo.

Por fim, deve ser motivado o constante uso dos recursos aprendidos nas produções seguintes, além da identificação dos mesmos recursos ao ler trabalhos de terceiros.

A atividade didática aqui proposta visa auxiliar a instrução de alunos do inglês como língua estrangeira, que tenham como objetivo o domínio sobre a produção científica na língua. Considerando que pesquisadores aspiram publicar em periódicos nacionais e internacionais, notoriedade acadêmica e a ampla divulgação de seus trabalhos; portanto carecem de fluência e habilidade não só na língua inglesa, mas na produção acadêmica em si.

---

<sup>75</sup> Mesmo na sociedade mais livre, é necessário que o estado intervenha de certa forma, a fim de colocar limites e condições para a iniciativa individual, pois, de outra forma, a sociedade se deslocaria para a anarquia ou a lei da selva.

---

Esperamos que esta pesquisa tenha contribuído não só para a ampliação dos estudos descritivo-funcionais como um todo, nosso foco central, como também, de modo adicional, com o ensino da escrita acadêmica.

Finalmente, temos ciência da grandeza da dimensão referente às metáforas gramaticais, às nominalizações e à escrita formal em si. Acreditamos que haja espaço para maiores passos em busca de fundamentar o entorno sintático-semântico que permeia os deverbais, assim como os motivos pragmáticos para sua realização, ou para sua não-expressão. Esperamos que haja o interesse e a possibilidade futura para a realização de pesquisas acerca dos temas aqui examinados, sob novos enfoques.



---

## REFERÊNCIAS

BARATTA, M. A. Nominalization development across an undergraduate academic degree program. *Journal of Pragmatics*, v.42 n.4, p. 1017-1036, 2010.

BIBER, D. *et al.*, *Longman Grammar of Spoken and Written English*. Harlow: Pearson Education Limited, 1999. 1203 p.

BIBER, D.; Gray, B. Nominalizing the verb phrase in academic science writing. *The Verb Phrase in English: Investigating Recent Language Change with Corpora*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 99-132, 2010.

BONA, C. Propriedades Valenciais de Nomes Deverbais: Uma Reanálise de Dados do Projeto Nurc com base na Linguística Textual e no Estudo dos Anafóricos. *Cadernos de Letras da UFF*, Universidade Federal Fluminense, v. 2a, n. 49, p. 219-238, 2014.

CAMACHO, R. G. A função textual dos nomes deverbais. *Estudos Linguísticos*, São José do Rio Preto, v. 24, n. 1, p. 183-188, 2005.

\_\_\_\_\_. The argument structure of deverbal nouns in Brazilian Portuguese [Electronic resource]. *Working Paper in Functional Grammar*. Disponível em: [http://home.hum.uva.nl/fg/working\\_papers/WPFG\\_81](http://home.hum.uva.nl/fg/working_papers/WPFG_81). 2007.

CAMACHO, R. G.; DALL'ANGLIO HATTNER, M. M; GONÇALVES, S. C. O substantivo. In: ILARI, R. (org.). *Palavras de classe aberta*. São Paulo, Editora Contexto, 2014. 384 p.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. revisada. Belo. Horizonte: Editora UFMG, 2008. 192 p.

---

CARNEIRO, M. M.; OLIVEIRA, A.L.A.M. Writing as a social enterprise: sample in class activities of a genre-based approach to teaching English as a foreign language. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v.56, n.1, pg. 188-211, 2017.

\_\_\_\_\_. From the production of abstracts to instances of grammatical metaphors: some research insights to uncover the academic domains. *Revista Raído*, Grande Dourados, v.11, n.27, pg. 64-82, 2017.

CHAFE, W. *Discourse, Consciousness, and Time: The Flow and Displacement of Conscious Experience in Speaking and Writing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994. 392 p.

CUNHA, M A; COSTA, M. A; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. T. (org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo, Parábola Editorial, 2015. 128 p.

CRYSTAL, D. *A dictionary of linguistics and phonetics*. Oxford: Blackwell, 2008. 560 p.

DOWNING, A.; LOCKE, P. *English Grammar. A University Course*. Oxon: Routledge, 1992. 640 p.

ECO, U. *The Island of the Day Before*. Wilmington: Mariner Books, 1994. 528 p.

FIGUEIREDO, G; ARAUJO, C. Uma breve história da divulgação científica: as metáforas ideacionais e o sistema de MENSAGEM na construção do discurso da ciência. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 3, v.3, n.2, p. 9-32, 2013.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: GEERAERTS, D. et al (org.) *Cognitive Linguistics Research*. Berlin, Mouton de Gruyter. p. 373-397, 2006.

---

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. (Org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto. p. 157-177, 2008.

FURTADO DA CUNHA, A; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: FAPERJ. p. 13-39, 2013.

GIVÓN, T. *Syntax I: A functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. 464 p.

\_\_\_\_\_. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. 486 p.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. New York: Longman, 1976. 392 p.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 4 ed. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London, Edward Arnold, 2014. 808 p.

HYLAND, K. Writing theories and writing Pedagogies. *Indonesian Journal of English Language Teaching*, v.4, n. 2, pg. 91-110, 2008.

\_\_\_\_\_. *Academic discourse: English in a global context*. 1. Ed. London: Continuum, 2009. 256 p.

ILARI, R; BASSO, R. O verbo. In: ILARI, Rodolfo. *Gramática do Português Falado no Brasil: palavras de classe aberta*. v.3. – São Paulo: Contexto. p. 65-242, 2014.

---

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. T. (org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo, Parábola Editorial, 2015. 140 p.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 295 p.

MARTIN, J. Incongruent and proud: de-vilifying 'nominalization': Discourse and society. *SAGE Publications*, Thousand Oaks, v. 8. p. 523-566. 2008.

\_\_\_\_\_. Discourses of Science: Recontextualization, genesis, intertextuality and hegemony. In: MARTIN, J. R. VEEL. R. (org.). *Reading Science: Critical and Functional Perspectives on Discourses of Science*. London, Routledge, pg. 3-15, 2015.

\_\_\_\_\_. Literacy in science: learning to handle text as technology. IN: M.A.K. HALLIDAY & J.R. MARTIN. *Writing science: literacy and discursive power*. The Falmer Press. 1993. 300 p.

MATTHEWS, P. H. The scope of valency in grammar. In: HERBST, T; GOTZ-VOTTELER, K. (org.) *Theoretical, Descriptive and Cognitive Issues*. Berlin, Mouton de Gruyter. 2007. p. 3-14, 2007.

MIRANDA, M. V. *Processos Verbais em Artigos Científicos: Uma Análise com Base na Língua em Uso*. 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 2016.

MOURA NEVES, M. H. A interface sintaxe, semântica e pragmática no funcionalismo. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 33, n. 1. p. 25 - 43, 2017.

---

\_\_\_\_\_. O texto na teoria funcionalista da linguagem. In: BATISTA, R. O. (org.). *O texto e seus conceitos*. São Paulo, Parábola Editorial, 2016;

NATION, I. S. P. *Learning vocabulary in another language*. 1. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 144 p.

NININ, M. O. G. *et al.* Metáforas gramaticais como recurso para empacotamento no texto acadêmico. In: *Letras*, Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 207-230, 2015.

OTHERO, G, & KENEDY, E. *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. SP: Ed. Contexto, 2015. 224 p.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 366 p.

PILLER, I. *Intercultural communication: A Critical Introduction*. Edinburgh: University Press, 2011. 256 p.

QUIRK, R.; *et al.* *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman, 1985. 1779 p.

SANTANA, L. *A expressão da estrutura argumental dos nomes derivados*. Tese (mestrado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2005. 166 p.

\_\_\_\_\_. O tratamento das nominalizações nos quadros da Gramática Funcional. In: *Estudos Linguísticos: Araraquara*, v. XXXV, p. 1146-1155, 2006.

TAVERNIERS, M. *Systemic-Functional Linguistics and the Notion of Grammatical Metaphor*. A theoretical study and proposal for a semiotic-functional integrative

---

model. Tese (doutorado em inglês) – Faculty of Arts; Philosophy, University of Gent, Gent. 2002. 599 p.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. 1. ed. Abingdon: Routledge, 1996. 312 p.

---

## **Anexo 1 - EXCERTO COMPLETO REFERENTE AO EXEMPLO (55)**

Recognition of the need for swift *action* comes at a time when public money for support of the arts is being slashed at the national and state levels. In the private sector, foundation grant-makers and grantees agree that arts education is the most poorly funded category of arts activity. Virtually everyone I spoke to on the subject seemed to feel that, while massive financial support is needed to address the problem of music education systemically, action can not wait until increased funding becomes available in the future. If we are not to lose yet another generation, creative thinking and the inspiring efforts of musicians, teachers, and musician-teachers are needed now. In many rural areas, the cutbacks in school budgets that have reduced or eliminated music in the school curriculum have virtually wiped out the presence of classical music. While jazz has a presence in many of our cities (where it struggles to compete with pop music), it is not to be found at all in too many rural areas. Communities distant from urban centers have virtually no contact with professionally trained musicians and rarely have the opportunity to hear live performances of art music. Radio stations do not play it and music stores do not carry it. There are few instrumental teachers in the public schools to teach the children beyond the most elementary level. And while colleges and universities with music faculty may exist not more than fifty miles away, people living in those communities too often believe that those institutions are not there for them. In our urban schools and neighborhoods, cultural, economic, and perceived class barriers,

---

rather than geographic obstacles, tend to block participation in classical music. These problems, which are equally serious, can and must be addressed through the imaginative deployment of resources available within the city. In rural areas, those resources are often lacking altogether. While classical music and jazz must compete with many distractions in urban areas, the sheer deprivation of many rural areas also creates an opportunity that ought to be more fully explored. The Chamber Music Rural Residencies Designed specifically to respond to the needs of rural areas, the CMRR program addresses adult and K-12 music education through the same mechanism: the nine-to-ten month presence of splendid and committed young musicians participating in the life of the community.

(COCA: Educating audiences for music: Training performers to teach, 1996)